

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Experiências de *grooming* sexual *online* vividas
antes de atingir a maioridade

Ana Luísa Neves de Jesus

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Experiências de *grooming* sexual *online* vividas antes de atingir a
maioridade**

Ana Luísa Neves de Jesus

Outubro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora Doutora **Celina Manita**
(F.P.C.E.U.P.)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Doutora Celina Manita, pela orientação no desenvolvimento desta dissertação, ao nível de sugestões, críticas e correções, sempre construtivas, para a conclusão deste trabalho.

Aos meu pais, por me apoiarem e me transmitirem força nos momentos mais difíceis. Devolhes toda a gratidão por me permitirem seguir o caminho que escolhi.

Ao meu namorado, por ter sido também um pilar neste caminho e não permitir que desistisse em momento algum.

À Diana, por ser uma amiga sempre presente e que, mais uma vez, me acompanhou nesta caminhada desde o início.

À Beatriz e à Joana, que foram duas pessoas que conheci no Mestrado e quero que permaneçam na minha vida, foram também um grande apoio e ajuda na construção deste trabalho.

À Ana Lemos e à Mariana, por se disponibilizarem a ajudar-me no desenvolvimento da dissertação.

A todos os participantes que responderam ao questionário e contribuíram para a realização deste estudo.

Errata

Referente à dissertação de Mestrado intitulada “Experiências de *grooming* sexual *online* vividas antes de atingir a maioridade”, realizada por Ana Luísa Neves de Jesus, em outubro de 2018.

- Na Lista de Siglas, na página vii, falta a sigla FB – Facebook.
- Na Introdução, na página 1, no parágrafo 4, onde se lê “O presente trabalho divide-se em quatro capítulos...”, deve ler-se “O presente trabalho divide-se em três capítulos...”.
- Na Introdução, na página 1, no parágrafo 5, onde se lê “O primeiro capítulo destina-se ao enquadramento legal dos diferentes crimes que podem estar associados ao *grooming*, à apresentação e definição de conceitos relevantes para a sua compreensão, à caracterização do perfil da vítima de *grooming*, ao processo de revelação, por parte da vítima de aliciamento e ao papel e perigos da internet.”, deve ler-se “O primeiro capítulo destina-se ao enquadramento legal dos diferentes tipos de crimes que podem estar associados ao *grooming*, à caracterização das crianças aliciadas, à análise da influência da Internet e redes sociais no *grooming* e apresentação de dados sobre o *grooming*.”
- Na Introdução, na página 1, no parágrafo 7, onde se lê “No terceiro capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, designadamente... e eventuais encontros pessoais.”, deve ler-se “No terceiro capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, designadamente... e eventuais encontros pessoais, assim como as principais conclusões do estudo.”
- No subtítulo “Legislação Portuguesa: diferentes tipos de crimes contra crianças”, página 4 e 5, no parágrafo 3 e 8, onde se lê “...CP...”, deve ler-se “...CPP...”.
- No subtítulo “A influência da internet e das redes sociais no *grooming*”, página 9, no parágrafo 1, onde se lê “... (2010, cit por Lesniak e Cowburn, s.d.) ...”, deve ler-se “... (2010, cit por Lesniak & Cowburn, s.d.) ...”.
- No subtítulo “A influência da internet e das redes sociais no *grooming*”, página 10, parágrafo 6, onde se lê “... Morahan-Martin & Schumacher (2003) ...”, deve ler-se “... Morahan-Martin e Schumacher (2003) ...”.
- No subtítulo “Dados sobre o *grooming*”, página 13 e 14, parágrafo 5 e 6, onde se lê “... Monteiro & Gomes (2009) ...”, deve ler-se “... Monteiro e Gomes (2009) ...”.
- No subtítulo “Dados sobre o *grooming*”, na página 13 e 15, parágrafo 5 e 12, onde se lê “... Moraes & Aguado...”, deve ler-se “... Moraes e Aguado...”.

- No subtítulo “Dados sobre o *grooming*”, na página 14, parágrafo 8, 9, 10, onde se lê “...Branca, Grangeia & Cruz...”, deve ler-se “... Branca, Grangeia e Cruz...”.
- Na metodologia, na página 17, parágrafo 5, onde se lê “... Appiah-Yeboah, Salib & Rupert (2007) ...”, deve ler-se “... Appiah-Yeboah, Salib e Rupert (2007) ...”.
- Nos instrumentos e procedimentos, na página 18, parágrafo 1, onde se lê “... Chaer, Diniz & Ribeiro (2011) ...”, deve ler-se “Chaer, Diniz e Ribeiro (2011) ...”
- Na página 24, onde se lê “tabela 8”, deve ler-se “tabela 2”.
- Nas referências bibliográficas, faltam as seguintes referências “Lanning, K. (2010). *Child molesters: A behavioral analysis* (5th ed.). Alexandria, VA: National Center for Missing & Exploited Children.” e “Lanning, K. (2018) “*The Evolution of Grooming: Concept and Term*”. *Journal of Interpersonal Violence*, vol. 33 (1), pp. 5-16. DOI: 10.1177/0886260517742046”.

Resumo

O *grooming online* é, em Portugal, um tema ainda pouco explorado, não obstante existirem já dados que indicam um número preocupante de crianças / jovens aliciados para fins sexuais através da internet e de diversos estudos internacionais terem revelado já que este é um fenómeno de elevada pertinência e relevância científica e social.

Consequentemente, o nosso estudo procurou aprofundar o conhecimento desta realidade, através de um estudo quantitativo concretizado através da aplicação de um questionário versando variáveis como os tipos de utilização da internet / redes sociais, supervisão por parte de adultos, redes sociais utilizadas, interações com terceiros, tipos de solicitações, tipos de conteúdos partilhados frequência com que ocorreram esses contactos, entre outras.

A amostra final deste estudo é constituída por 161 sujeitos, sendo 135 do sexo feminino e 26 do sexo masculino, com uma média de idades de 25 anos.

Com base nos resultados obtidos, verificamos que 25.5% dos sujeitos foram abordados com intuito sexual através da internet, antes de atingirem a maioridade. De entre estes, 19.9% referiram que lhes foi proposto um encontro pessoal por parte de um adulto que conheceram apenas na internet. É relevante também mencionar que os sujeitos receberam solicitações para iniciar conversas sobre sexo/sexualidade, receberam fotos com nudez, solicitações de fotos suas com nudez e em roupa interior, além dos pedidos de encontros pessoais. Pudemos também identificar alguns dos comportamentos dos sujeitos que foram aliciados que os poderão tornar mais vulneráveis ao *grooming* e associações entre diferentes variáveis analisadas.

Palavras-Chave: *Grooming*; internet; Redes sociais; Vítimas de aliciamento *online*.

Abstract

In Portugal, online grooming is a subject that has not yet been fully explored, although there is already data indicating a troubling number of children / youth enticed for sexual purposes through the internet and several international studies have revealed that this is a phenomenon of high scientific and social relevance.

Consequently, we sought to enhance the knowledge of this reality through a quantitative study carried out based on the application of a questionnaire addressing variables, such as types of internet use / social networks, adult supervision, social networks used, interactions with third parties, types of requests, types of shared contents, frequency of these contacts, among others.

The final sample of this study consists of 161 subjects, 135 of them are female and 26 are males, with a mean age of 25 years old.

Based on the results obtained, we verified that 25.5% of the subjects were sexually enticed on the internet before they reached the age of majority. Among these, 19.9% of the subjects reported that they received proposals for a personal meeting by an adult who they only met on the internet. It is also relevant to mention that the subjects received requests to initiate conversations about sex / sexuality, received photos with nudity content, were asked to send personal naked photos and in underwear. We were also able to identify some behaviors that could make the enticed subjects more vulnerable to grooming and we found some statistical associations between variables analyzed.

Keywords: Grooming; Internet; Social Networks; Victims of Online Grooming.

Résumé

Le *grooming* sexuelle d'enfants sur l'internet, ou toilettage en ligne, est, au Portugal, un sujet encore peu exploré, malgré le fait qu'il existe déjà des données indiquant un nombre inquiétant d'enfants/jeunes qui sont séduites à des fins sexuelles sur l'Internet et plusieurs études internationales ont révélé qu'il s'agit d'un phénomène de forte pertinence scientifique et sociale. Par conséquent, notre étude a cherché à approfondir la connaissance de cette réalité, à travers d'une étude quantitative réalisée par l'application d'un questionnaire englobant des variables telles que les types d'utilisation de l'Internet/réseaux sociaux, la supervision de la part des adultes, les réseaux sociaux utilisés, les interactions avec les autres, les types de demandes, les types de contenu partagés, la fréquence avec laquelle ces contacts ont eu lieu, entre autres.

L'échantillon final de cette étude consistait en 161 sujets, soit 135 femmes et 26 mâles, avec un âge moyen de 25 ans.

Nous avons vérifié que 25,5% des individus ont été approchés avec des intentions sexuelles à l'Internet, avant d'atteindre l'âge adulte. Parmi ceux-ci, 19,9% ont indiqué que des adultes qu'ils connaissent uniquement à l'internet les ont proposé des rencontres personnelles. Il est également pertinent de mentionner que les jeunes ont reçu des demandes pour initier des conversations sur le sexe/sexualité, ils ont reçu des photos nues, des demandes de photos avec nudité et en sous-vêtements, en plus des demandes de rencontres personnelles. Nous avons également pu identifier certains comportements des individus qui pourraient les rendre plus vulnérables au *grooming*/toilettage. Des différentes associations statistiques entre les variables analysées ont été rencontrées.

Mots-clés: *Grooming*; Internet; Réseaux sociaux; Victimes de séduction sur internet

Lista de siglas

CDC – Convenção sobre os Direitos das Crianças

CPP – Código Penal Português

WHO – World Health Organization / Organização Mundial de Saúde

Índice

Índice de gráficos	xii
Índice de Tabelas.....	xiii
Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Legislação portuguesa: diferentes tipos de crimes contra crianças	3
1.2. <i>Grooming</i> : revisão da literatura	5
1.3. Caracterização das crianças aliciadas.....	7
1.4. A influência da internet e das redes sociais no <i>grooming</i>	9
1.5. Dados sobre o <i>grooming</i>	13
2. Estudo empírico	16
2.1. Objeto e objetivos	16
2.2. Metodologia	16
2.2.1. Instrumento e Procedimentos	18
2.3. Apresentação dos resultados	19
2.3.1. Caracterização da amostra	19
2.3.2. Análise descritiva.....	19
2.3.3. Análise inferencial	23
<i>Associações em função do sexo</i>	23
<i>Associações em função da idade em que se iniciou nas redes sociais</i>	27
<i>Associações em função do controlo/supervisão parental</i>	29
<i>Associações em função do número de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução</i>	31
3. Discussão dos resultados e conclusões	33
Referências bibliográficas	37
Legislação	41
ANEXOS	42

Anexo A- Questionário	42
Anexo B – Consentimento Informado.....	52
Anexo C – Tabelas	54

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Conteúdos desagradáveis que os sujeitos receberam	22
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Associação entre as variáveis Sexo*Escola que frequentava	24
Tabela 2 - Associação entre as variáveis Sexo*Morada	24
Tabela 10 – Associação entre as variáveis Sexo*Porque receberam pedidos de amizade	26
Tabela 11 - Associações entre as variáveis Sexo*Porque receberam pedidos de amizade.....	26
Tabela 12 - T-Teste em função do sexo*horas por dia que passava na Internet.....	27
Tabela 19 - Associação entre as variáveis Idade com que criou perfil*Informações pessoais	28
Tabela 20 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*O que já lhe aconteceu	29
Tabela 21 - Associação entre as variáveis Supervisão por um adulto*De quem aceitava pedidos de amizade	30
Tabela 22 - Associação entre a Supervisão por um adulto*De quem aceitava pedidos de amizade	30

Introdução

Nas últimas décadas, o domínio das comunicações tem registado rápidos avanços tecnológicos, e o acesso à e utilização da internet tem-se generalizado. Estes avanços permitiram que a interação e comunicação entre as pessoas seja cada vez mais fácil, o que tem evidenciado tanto aspetos positivos quanto negativos, dependendo da forma mais ou menos responsável como estas ferramentas, em particular a internet, são usadas. Destacam-se, entre as consequências negativas do uso pouco refletido das comunicações *online*, a criação de perfis falsos, o roubo de dados de identidade, o *cyberbullying*, o extravio de conteúdos publicados, entre outras (Padilha, 2015).

O aliciamento de menores na internet para fins sexuais, ou *grooming sexual online*, é um desses perigos e tem merecido atenção acrescida por parte dos investigadores. Apesar de este tipo de comportamento não estar diretamente contemplado no Código Penal Português (CPP), o mesmo diploma faz referência, nomeadamente na sua Secção II, relativa aos crimes contra a autodeterminação sexual, a crimes que podem estar associados à prática de *grooming*, tais como a pornografia infantil ou o abuso sexual de menores (arts. 163.º a 179.º do CPP).

Esta investigação tem como objetivo explorar o fenómeno do *grooming online* em Portugal, nomeadamente, verificar se há utilizadores da internet/redes sociais que já tenham tido alguma experiência de *grooming* enquanto menores de idade, com que frequência ocorreu, quais os tipos de solicitações a ele associadas, entre outros.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos, a saber: enquadramento teórico; descrição do método de pesquisa; apresentação e análise dos resultados obtidos; e conclusões.

O primeiro capítulo destina-se ao enquadramento legal dos diferentes crimes que podem estar associados ao *grooming*, à apresentação e definição de conceitos relevantes para a sua compreensão, à caracterização do perfil da vítima de *grooming*, ao processo de revelação, por parte da vítima de aliciamento e ao papel e perigos da internet.

O segundo capítulo descreve o objeto e o objetivo deste estudo, bem como a metodologia, instrumentos e procedimentos de tratamento e análise de dados utilizados.

No terceiro capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, designadamente o perfil sociodemográfico da amostra, características, dinâmicas e modalidades de utilização da

internet, níveis de controlo familiar; papel das redes sociais; padrões de interação na internet, tipos de conteúdos partilhados e eventuais encontros pessoais.

No quarto e último capítulo são apresentadas as principais conclusões do estudo.

1. Enquadramento Teórico

Nos dias de hoje a internet é uma ferramenta de trabalho e lazer e há uma vasta quantidade de informação a circular na rede. Por ser um meio de comunicação que não implica um contacto pessoal é frequentemente utilizado para fins ilícitos, tais como o aliciamento de crianças/adolescentes para exploração sexual e comercial, produção e distribuição de material pornográfico ou abuso sexual de menores (Moraes, 2014). Desta forma, é fundamental, com base na teoria e na investigação, ampliar conhecimentos relativamente ao tema desta pesquisa, o *grooming online*, visto que, como comportamento desenvolvido na e através da internet, torna-se necessário não apenas compreendê-lo como também perceber o seu impacto.

1.1. Legislação portuguesa: diferentes tipos de crimes contra crianças

A convenção sobre os direitos das crianças (CDC), define criança como “...todo o ser humano menor de 18 anos...”. Esta definição vai ao encontro da definição dada, em Portugal, pela Lei da Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei 147/99 de 1 de Setembro, art. 5.º, alínea a)). Já o CPP faz a distinção entre atos sexuais com crianças (menor de 14 anos, segundo o art. 171.º) e atos sexuais com adolescentes (menor entre 14 e 16 anos, segundo o art.173.º).

O capítulo V do CPP (arts. 163.º a 179.º) divide-se em duas secções: a Secção I ocupa-se dos *Crimes contra a liberdade sexual*, que procura proteger a autonomia sexual de todos. A Secção II ocupa-se dos *Crimes contra a autodeterminação sexual*, isto é, “estende essa proteção a casos que ou não seriam crime se praticados entre adultos, ou o seriam dentro de limites menos amplos, ou assumiriam em todo o caso uma menor gravidade; e estende-a porque a vítima é uma criança ou um menor de certa idade” (Abrunhosa, 2015, p.12). Entende-se, assim, ser importante punir comportamentos que, atendendo à idade da vítima, se considera “... que esta não está ainda em condições de se autodeterminar sexualmente, pelo que, mesmo na ausência de qualquer meio violento, serão suscetíveis de prejudicar o desenvolvimento da sua maturidade e sexualidade” (Abrunhosa, 2015, p.12).

O art. 176.º incide sobre o crime de pornografia de menores que foi inserido no CPP pela correção de 2007, sendo que, em anos anteriores, apenas o abuso sexual era considerado crime. Atualmente, a tentativa de pornografia sexual é sempre punível, conforme o n.º 5 do art. 176.º

CP, no qual se verificou um aumento das penas e passou a incorporar todos os menores (não apenas os menores de 14 anos), bem como a inclusão de outros comportamentos.

Com base nos termos do n.º 1 do art. 176.º do CPP também é punível a sedução para a utilização de menores de 18 anos em espetáculo pornográfico. Em 2007, o n.º 3 do art. 176.º incluiu a punição da produção, distribuição, importação, exportação, divulgação, exibição ou cedência, através de qualquer forma, de matérias pornográficas com a presença realista de menor é punido até 2 anos. Perante a inclusão deste número após a revisão de 2007, passou a utilizar-se o termo de pornografia virtual (cit por Mendes, 2017), fazendo a distinção entre pedopornografia aparente e pedopornografia virtual, estando ambas previstas no art.º 1 da Decisão-Quadro 2004/68/JAI do Conselho. Também é punido quem faz a aquisição ou é detentor (possuidor) desses mesmos materiais com os mesmos objetivos anteriormente descritos.

O n.º 3 do art. 172.º incide sobre o crime do uso de menores de 14 anos em fotografias, filmes ou gravação pornográficos ou da apresentação desses materiais, caso tivesse como finalidade o lucro. Em 2001 a pena ia de 6 meses a 5 anos, atualmente, a pena vai de 1 a 8 anos.

No art. 171.º, n.º 1 define que “Quem praticar acto sexual de relevo com ou em menor de 14 anos, ou o levar a praticá-lo com outra pessoa, é punido com pena de prisão de um a oito anos.”, n.º 2 define que “Se o acto sexual de relevo consistir em cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos” e o n.º 3 define que “a) quem importunar menor de 14 anos, praticando acto previsto no art. 170º; ou b) quem actuar sobre menor de 14 anos, por meio de conversa, escrito, espectáculo ou objecto pornográfico; é punido com pena de prisão até 3 anos”.

Proíbe-se a execução de ações que condicionem a liberdade de escolha e de prática da sua sexualidade no futuro. Ainda, nesta sequência condena-se “quem importunar menor de 14 anos” com comportamentos do tipo exibicionista, devendo abranger tanto os atos como o efeito negativo sobre a vítima.

Face ao exposto, verifica-se que o *grooming online* ainda não se encontra legislado em Portugal. No entanto, em 25 de outubro de 2007, Portugal assinou a Convenção de Lanzarote que surgiu face à necessidade de proteção das crianças contra a exploração sexual e os abusos sexuais. Esta Convenção integra a criminalização dos sujeitos que abordam as crianças *online* para fins sexuais. Com isto, a 24 de Agosto de 2015, foi realizado um aditamento ao CP do art. 176.º-A pela Lei n.º 103/2015 que se refere a “quem, sendo maior, por meio de tecnologias

de informação e de comunicação, aliciar um menor, para encontro visando a prática de quaisquer dos atos compreendidos nos n.ºs 1 e 2 do artigo 171.º e nas alíneas a), b) e c) do n.º 1 do artigo 176.º do CP, é punido com pena de prisão até 1 ano. Se esse aliciamento for seguido de atos materiais conducentes ao encontro, o agente é punido com pena de prisão até 2 anos”. No entanto, é de referir que as estratégias utilizadas pelos *groomers* através da internet para a troca de material fotográfico, realização de vídeos sem o intuito de distribuir ou vender não são consideradas, em si, um crime.

De seguida, será desenvolvido o tema central desta investigação, o *grooming online* e as variantes deste tipo de contacto.

1.2.Grooming: revisão da literatura

Lanning (2018) refere que o termo *grooming* começou a ser utilizado pela primeira vez no fim da década de 1970, para caracterizar o comportamento sedutor utilizado pelos ofensores. A partir deste momento, o conceito evoluiu progressivamente, dado o surgimento de um número crescente de casos e do desenvolvimento de diferentes estudos sobre o fenómeno.

O *grooming online* inicia-se através da internet, nomeadamente nas redes sociais (Branca, Grangeia e Cruz, 2016). Davidson (2007) acrescenta que este tipo de contacto, para além da internet, se pode efetuar pessoalmente ou através de outros meios tecnológicos (e.g., telemóvel).

Branca, Grangeia e Cruz (2016) definem a criança vítima de *grooming online* como alguém menor de idade que tenha sido abordado, pelo menos uma vez, através de conversas de cariz sexual por um estranho que lhe tenha sugerido encontros pessoais, solicitado informações sexuais acerca do menor, enviado e/ou pedido à criança material com conteúdo sexual, seja de si própria ou retirada da internet, para realizar vídeos, ou enviar lembranças sexuais.

Os sujeitos que recorrem a este tipo de comportamento procuram persuadir as suas vítimas, da mesma forma que um casal adulto faz para se conquistar, ou seja, através da sedução (Lanning, 2018). Apesar de este autor considerar que o termo sedução se aplica de forma eficaz para compreender o que é o *grooming*, para Berliner (2018) o termo sedução implica uma relação consentida, ou seja, tal como acontece nos relacionamentos adultos, em que ambos compreendem que ambas as partes se seduzem, e não apenas uma, tal como acontece no

grooming. A mesma autora defende ainda que classificar o *grooming* como sedução é assumir a normalização desse comportamento e assumir que as vítimas também seriam culpadas.

Lanning (2018) refere que os indivíduos que praticam *grooming* fazem uso de determinadas técnicas para aceder às e controlar as crianças, tais como dar atenção, carinho, ser amável, oferecer presentes entre outras. Contudo, estas técnicas podem tornar-se violentas quando o *groomer* sente que a criança pode revelar a situação. O uso de ameaças de violência e chantagem, como a divulgação de gravações e fotografias, são uma forma eficaz de manter o silêncio das crianças (Lanning, 2010).

Os *groomers* fazem uso da sedução ou aliciamento para conseguir um encontro pessoal com as crianças e abusar delas. Por vezes, o abuso sexual é uma das finalidades dos *groomers*, mas não a única. Inicia-se através de um aliciamento, que começa com um diálogo *online* não-sexual, cujo objetivo é persuadir a(s) vítima(s) a ter um encontro pessoal para abusar sexualmente da(s) mesma(s) (Brown, 2001 cit por Berson, 2003).

O abuso sexual de crianças é definido pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2017, p.vii) como “The involvement of a child or an adolescent in sexual activity that he or she does not fully comprehend and is unable to give informed consent to, or for which the child or adolescent is not developmentally prepared and cannot give consent, or that violates the laws or social taboos of society. Children can be sexually abused by both adults and other children who are – by virtue of their age or stage of development – in a position of responsibility or trust or power over the victim”.

Os ofensores procuram satisfazer os seus desejos sexuais através do contacto com crianças. Este contacto que o ofensor estabelece com a criança pode ser definido em diferentes atos, tal como o abuso sexual sem contacto, através, por exemplo, de ameaças de abuso sexual, ou abusando sexualmente através de relações sexuais, por exemplo agressão sexual, ou também abusando sexualmente mas sem relações sexuais, ou seja, através de carícias de forma inadequada. Os ofensores fazem uso da manipulação para abusar sexualmente das crianças. (WHO, 2017)

O abuso sexual não exige, assim, um envolvimento sexual direto ou “completo”, isto é, não implica a prática do coito, o contacto sexual pode passar por carícias e toques de cariz sexual ou por obrigar crianças e adolescentes a assistirem a atos sexuais, levando terceiros a visualizar os mesmos a autoacariciarem-se, a despirem-se e a masturbarem-se, seja presencialmente ou não

(Corrêa, 2009). Muitos dos casos de abuso sexual são mantidos em segredo por parte das vítimas, que experienciam sentimentos de vergonha, medo, negação e, até mesmo, de responsabilidade pelo sucedido.

Para além desta forma de abuso, outras formas existem, tais como a produção e envio de fotografias suas pessoais (Bryce, 2009 cit. por Davidson et al., 2011). Consoante o que Martins e colaboradores (2007) afirmam, são desenvolvidas diversas redes na internet com o propósito de produzir material pornográfico que envolva crianças em situações de abuso sexual.

Por sua vez, Machado (2002), acrescenta que o abuso sexual se desenvolve numa relação de poder desigual entre os sujeitos, de tal forma que a vítima, sendo uma criança, dada a sua imaturidade, é incapaz de se autodeterminar. Ou seja, a criança não tem a capacidade de aceitar ou negar essa interação sexual por duas ordens de razões, dado o seu nível de desenvolvimento, uma criança não tem competência para entender o que está a permitir e perceber as consequências resultantes dessa permissão; dado o papel de dominação que o adulto desempenha, a criança torna-se submissa e não é capaz de recusar o envolvimento sexual.

O abuso sexual pode ser realizado no seio familiar ou por amigos dos familiares, e/ou através da internet, também por familiares e por desconhecidos, sendo as suas consequências traduzidas em danos físicos, psicológicos e sexuais. De acordo com Furniss (1993) a intensidade destas consequências varia conforme alguns determinantes, como a idade da vítima, a diferença de idades entre a vítima e o agressor, qual foi a duração do incidente, qual o grau de violência praticado, se existe alguma relação afetiva/social com o agressor, entre outros aspetos.

As crianças que são aliciadas apresentam algumas características pessoais comuns, sendo importante abordar essas características, para melhor compreender quais as vulnerabilidades das potenciais vítimas.

1.3. Caracterização das crianças aliciadas

Torna-se importante, neste ponto, referir algumas características, da vítima, que tornam estas crianças em indivíduos particularmente vulneráveis ao *grooming online*.

Sanderson (2005, cit por Moraes & Aguado, 2014), evidencia algumas características das crianças mais sujeitas a serem aliciadas, como serem crianças vulneráveis, envergonhadas, que aparentam ser mais novas do que na realidade são, ingênuas, que tendem a confiar em todas as

peessoas, que procuram amor e afetos, que vivem isoladas e na solidão, têm necessidade de estabelecer relações de confiança com as pessoas, que vivenciaram episódios traumáticos, que apresentam dificuldades de comunicação, que estão sob o cuidado de outra pessoa ou a viver longe de casa; crianças que podem ter experienciado abuso, que anseiam ter sucesso em atividades como o desporto, ao nível académico e outros interesses.

Em complemento do que este autor referiu, as crianças vítimas de *grooming* geralmente apresentam características específicas ao nível da personalidade ou associadas à idade, que as podem tornar mais vulneráveis a este tipo de crime. Tal como Borjesson (2012) refere, existem diversos estudos que evidenciam que as vítimas demonstram uma atitude demasiado “ingénua ou curiosa, rebelde e independente” (p.22). Acrescenta ainda que as crianças e/ou adolescentes que se encontram em situações de maior vulnerabilidade são as que estão sob a alçada do Estado, já viveram experiências anteriores de abuso, apresentam algum tipo de desequilíbrio emocional, apresentam défices de aprendizagem ou défices na socialização com os seus amigos, estão isoladas no seu seio familiar, têm falta de acompanhamento parental, têm um respeito incondicional pela figura do adulto, vivem apenas com um dos educadores, procuram obter recompensas e atenção ou revelam baixa autoestima.

A vulnerabilidade é, de acordo com a investigação, um fator dominante no fenómeno de abuso sexual em geral e do *grooming* em particular. Por sua vez, o facto de as crianças terem vivenciado alguma experiência de aliciamento traz-lhes insegurança no momentos de revelação dessa experiência.

Ainda que não seja abusada sexualmente, a troca de conteúdos sexuais com o ofensor traz à criança, por si só, consequências negativas. Quando a criança percebe que não quer continuar a relação com o *groomer*, este já tem, normalmente, em sua posse elementos que lhe permitem recorrer a estratégias violentas ou de coação, que levam a vítima a ter medo de revelar o sucedido e a ficar refém destes indivíduos (Eisenstein & Estefenon, 2006).

Berliner (2018) refere que no momento em que a criança vítima de aliciamento quer colocar fim à interação progressivamente íntima com o *groomer*, surgem dúvidas acerca da forma como o deve fazer.

Existem fatores que impedem a revelação por parte das vítimas. Segundo Finkelhor (1994a) e Machado (2002), esses fatores são o facto de esse segredo assumir um carácter confidencial; existir um sentimento de responsabilidade face ao sucedido ou sentimentos

ambíguos ou confusos; pânico relativamente ao impacto negativo que terá a denúncia da situação; incertezas face à eficiência da denúncia; e inquietude quanto à sua rotulagem.

As crianças que apresentam maior vulnerabilidade, baixa autoestima e que são mais introvertidas, procuram utilizar a internet para expressar as características da sua personalidade e estabelecer relações com maior facilidade, nomeadamente com desconhecidos. Atendendo ao atrás referido, no capítulo seguinte faremos uma abordagem do papel da internet e das redes sociais no desenvolvimento do *grooming*.

1.4. A influência da internet e das redes sociais no *grooming*

A internet é um meio que tem evoluído constantemente e permite comunicar com diversas pessoas de diferentes pontos do mundo. Rigden (2010, cit por Lesniak e Cowburn, s.d.) define a internet como uma estrutura onde a informação está em constante processo de aceleração e é transmitida, cada vez mais, através de diversas formas de comunicação.

Como já foi referido, a internet acarreta consigo vantagens múltiplas, mas também aspetos negativos, como a facilidade em cometer determinados crimes, como, por exemplo, crimes económicos, burlas e algumas formas de abuso sexual, como o consumo e partilha de pornografia infantil, a troca de conteúdos sexuais com menores de idade, ou o aliciamento de crianças para encontros visando a concretização de atos sexuais.

Como já foi referido, é um terreno privilegiado para *groomers*, abusadores e pedófilos, ou pessoas que produzem material pornográfico envolvendo crianças e o partilham. Muitas das crianças que fazem uso da internet revelam muita informação pessoal, através de *chats* ou redes sociais a desconhecidos e podem chegar a trocar conteúdos sexuais que podem chegar a redes de pornografia (Eisenstein & Estefenon, 2006).

Neste meio de comunicação, os ofensores são capazes de controlar a forma como interagem com o outro, pois não há um encontro face a face. Na relação que se estabelece *online*, a linguagem utilizada tem um papel importante. O'Connel (2003) defende a existência de cinco estádios, não necessariamente sequenciais, no aliciamento *online* de menores. O primeiro estádio, “Formação da amizade”, consiste na aproximação do abusador à criança através da partilha de informação, e a sua duração depende do estabelecimento da relação. O segundo estádio, “Formação da Relação”, consiste na partilha de informações pessoais, levando a criança

a acreditar que tem um/a melhor amigo/a. O terceiro estágio, “Avaliação de Risco”, consiste na tentativa do adulto obter informações quanto ao número de utilizadores do computador, em que local está o computador, se a criança é vigiada por algum adulto, ou seja, está a tentar compreender qual a probabilidade de ser descoberto. O quarto estágio, “Exclusividade”, consiste no estabelecimento de uma relação mútua, onde existe a partilha de informações de ambas as partes e, desta forma, o abusador consegue perceber o quanto a criança confia nele. O último estágio, “Estádio Sexual”, consiste na introdução de perguntas simples sobre comportamentos típicos de uma relação (e.g., se já beijou alguém alguma vez) incluindo perguntas de cariz sexual progressivamente mais explícito e, dado a criança confiar nesse sujeito, é capaz de não ter noção desse avanço.

Esta interação, que se estabelece entre sujeitos com desigualdade de poder, é medida e regulada pela linguagem, uma das formas de comunicação. Para Joseph (2004, cit por Grant & MacLeod, 2016) a linguagem é um meio flexível que dá a oportunidade de cada um criar a sua identidade, e tanto a linguagem como a identidade são “indissociáveis”. Em consequência, os *groomers* têm de ser capazes de processos efetivos de adaptação linguística quando criam perfis para aliciar crianças.

Uma das possíveis razões para que algumas das crianças sejam aliciadas, de acordo com o estudo de Morahan-Martin & Schumacher (2003), é que estas atravessam períodos em que estão “deprimidas, ansiosas ou socialmente isoladas” e utilizam a internet para elevarem a sua autoestima. Por esta razão, a criança sente-se à vontade para exteriorizar alguns traços individuais, até então ocultos. Através destas interações, pode encontrar outras pessoas que tenham os mesmos interesses. Isto permite, então, explicar a facilidade com que cria uma relação com desconhecidos, através da utilização da internet. Através deste meio, as crianças/adolescentes sentem-se seguros para verbalizar “segredos e intimidades” com “amigos invisíveis” (p.2) e que seriam difíceis de partilhar com quem faz parte do seu círculo de amigos (Eisenstein & Estefenon, 2006). Estas relações são valorizadas por indivíduos com “limitadas capacidades sociais” (Borjesson, 2012, p.21).

Por estas razões, é relevante identificar os perigos aos quais as crianças estão expostas durante o uso da internet. Estudos internacionais revelam esses riscos, como o contacto com conteúdos ilícitos, prejudiciais ou nocivos, com os quais as crianças estão sujeitas a contactar, ou o facto de poderem ser contactadas por estranhos (incluindo agressores sexuais) e sofrerem

cyberbullying ou outras formas de abuso *online*. Para além destes, é importante mencionar riscos como o acesso a material sexual, violento, racista e a sua privacidade pode ser invadida através de spam, vírus entre outros (Ponte & Vieira, 2008).

Face aos perigos mencionados, apesar de as crianças e jovens apresentarem grande destreza para funcionar neste mundo da tecnologia, continuam a ser um grupo vulnerável exposto a potenciais riscos. Atendendo a esta ótica, é relevante procurar um equilíbrio, porque a internet potencia tanto as oportunidades como os riscos, como tal, delimitar o acesso a esta grande rede para minimizar as consequências negativas, por consequência, minimiza as oportunidades (Ponte & Vieira, 2008).

Neste sentido, é indispensável a prevenção, uma vez que, depois de o crime ocorrer, os criminosos nem sempre são punidos e as consequências físicas e psicológicas nas crianças são irremediáveis (Moraes & Aguado, 2014).

Um dos meios que possibilita o aliciamento a crianças de diferentes idades é a entrada na internet que tem vindo a ser facilitado ao longo dos anos, viabilizando o acesso por qualquer pessoa, sem restrição de idade, uma vez que conseguem manipular essa variável quando criam um perfil. O elevado aumento de utilizadores desta plataforma possibilitou a comunicação à distância, utilizando as inúmeras redes sociais. Fazem parte das redes sociais “pessoas e organizações que estão ligadas por um ou vários tipos de relações, há uma partilha de valores e objetivos comuns e possibilitam relacionamentos horizontais e não hierárquicos” (Padilha, 2015, p.12).

Para uma melhor compreensão do papel das redes sociais na construção das relações, Lévy (2003, cit por Amaral, 2016) explica que as redes sociais facilitam as relações sociais, traduzindo-se numa vertente social virtual, ou seja, ao invés das relações serem construídas face a face, atualmente usufrui-se do monitor de um computador. Algumas das crianças e jovens procuram construir relações virtuais pelo facto de passarem longos períodos de tempo na solidão. Para melhor compreender a solidão, Robert Weiss (s.d., cit por Truzzi, 2012) diz que existem dois padrões de solidão: o emocional e o social. O primeiro é um “sentimento de vazio e inquietação causado pela falta de relacionamentos profundos” e o segundo é um “sentimento de tédio e marginalidade causado pela falta de amigos ou de um sentimento de pertença a uma comunidade” (idem, p.2) - a internet permite socializar, mas prejudica a qualidade dos

relacionamentos (Truzzi, 2012) pois há uma diminuição das interações sociais pessoais e, conseqüentemente, aumenta o isolamento.

Dado o avanço da tecnologia e a importância que a internet e as redes sociais passaram a ter para as crianças e jovens, estes começaram a ser designados como “nativos digitais”. Deste modo, é importante impor regras relativamente à exposição de informações confidenciais e também sobre a forma como se navega na internet porque as crianças são consideradas presas fáceis para serem vítimas de algum crime (Pereira, 2015).

Perante esta exposição da sua vida nas redes sociais, muitas vezes as crianças e adolescentes esquecem-se de colocar fronteiras face aos conteúdos que devem/podem publicar (Amaral, 2016). Por outro lado, as redes sociais proporcionam aos menos favorecidos a possibilidade de alcançarem um *status*. Este *status* é tanto mais respeitado quanto maior for o número de sujeitos que estão integrados na sua rede social, mesmo que a maioria dessas pessoas não seja conhecida pessoalmente pelo utilizador. Isto leva a que o próprio sujeito sinta vontade crescente de partilhar, com a sua rede fictícia, os eventos da sua vida (idem).

A criação de um perfil nas redes sociais é facilmente manipulado, tal como está presente na literatura, as regras de idade mínima (13 anos) para criar uma rede social são facilmente defraudadas, sendo que 52% de crianças com idade entre os 8 e os 16 anos admitiram que ignoraram a idade mínima (Pereira, 2015). Este é um dos problemas que deve ser contornado, pois, estabelecendo uma relação com o que foi referido sobre *grooming online* no início desta dissertação, o *groomer* procura estabelecer o contacto com a criança/jovem muitas vezes através da criação de um perfil que não corresponde à sua verdadeira identidade, com o intuito de convidar crianças/jovens que apareçam no seu perfil (O’Connell, 2003). Depois de se estabelecer um contacto *online* entre ambos, é mais fácil gerir as emoções e a relação com a vítima, até ao momento em que esta se sinta segura para um encontro pessoal (Childnet International, 2002, cit. por Branca, Grangeia & Cruz, 2016).

Os indivíduos que utilizam a internet e divulgam informações pessoais, não têm acesso à informação necessária acerca dos perigos da internet (Eisenstein & Estefenon, 2006). Assim sendo, é relevante que as crianças sejam educadas a identificar os riscos presentes no uso da internet, pois as mesmas poderão desprezar os perigos e/ou sobrevalorizar a sua aptidão para evitar os respetivos resultados negativos (Moraes & Aguado, 2014).

Para uma melhor compreensão do impacto negativo da internet e redes sociais nas crianças/jovens que são vítimas de algum tipo de violência ou crime, serão apresentados em seguida alguns dados recolhidos em estudos já realizados.

1.5. Dados sobre o *grooming*

Para se ter uma noção mais concreta deste fenómeno, do número de vítimas afetadas e do seu comportamento, são de seguida apresentados alguns dados de estudos.

No que diz respeito ao acesso a sites da internet, existe um número considerável de crianças/jovens que têm acesso a estes espaços precocemente. 88.7% dos jovens com idades compreendidas entre os 15-24 anos são os que têm maior contacto com páginas de internet. Para além deste número, é imprescindível referir dados como os 81.1% de crianças entre os 4 e os 14 anos que acederam a sites (Pereira, S., Pereira, L. & Pinto, 2011).

O acesso a sites na internet leva a uma maior probabilidade de as crianças/jovens serem abordados por um desconhecido com objetivos maliciosos, como, por exemplo, o aliciamento. Desta forma, Finkelhor et al. (2000, cit por Carla Borjesson, 2012) afirma que 19% das crianças/adolescentes são abordados na internet, cerca de uma vez por ano, por sujeitos mais velhos com um intuito sexual. Um estudo realizado por Branca, Grangeia e Cruz (2016) conclui que 20,5% da sua amostra foi vítima do crime de *grooming online*.

A possibilidade destes indivíduos se aproveitarem da ingenuidade das crianças/jovens para as aliciar, deve-se, segundo Millar (2002, cit por Borjesson, 2012), ao facto de algumas crianças/adolescentes entre os 9 e os 16 anos frequentarem livremente *chatrooms*. Uma vez que não têm consciência dos riscos, são manipulados e alguns encontraram-se presencialmente com os desconhecidos e fazem-no sem a presença de um adulto. Após estes encontros, não souberam a quem se dirigir para descrever o que estavam a passar e pedir auxílio.

Num estudo realizado por Monteiro & Gomes (2009), com base nos dados obtidos relativamente ao encontro com sujeitos que conheciam unicamente pela internet, cerca de 27,6% pessoas realizaram esse encontro. Mais recentemente, o estudo de Moraes & Aguado (2014) mostra que 70% nunca tiveram um encontro pessoal com pessoas conhecidas *online* por terem medo e 30% tiveram vontade, mas não o realizaram.

A construção de relações *online* através de sites na internet vindo sendo cada vez maior. Um estudo realizado pelas autoras Monteiro & Gomes (2009), fornece dados sobre o número de crianças que fazem amizades *online*, correspondendo a 54,8%, e informação sobre o número de crianças que já se encontraram pessoalmente com os indivíduos que estabelecem uma amizade, correspondendo a 27,6%.

Num estudo de O'Connell (2002, cit por Borjesson, 2012) com crianças/adolescentes com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, cerca de 40% afirmou ter conversas com desconhecidos na internet e 53% admitiu que sujeitos *online* se dirigiram a si abordando assuntos de cariz sexual.

No estudo de Branca, Grangeia & Cruz (2016), cerca de 35.5% dos participantes (menos de metade) revelou o aliciamento a alguém. De acordo com o valor mencionado, as autoras demonstram preocupação, na medida em que a restante percentagem dos sujeitos apenas ignorou a situação, concluindo as autoras que as razões para este facto podem estar relacionadas com o medo de os progenitores não compreenderem a situação, pelo facto de os próprios sujeitos não verem o acontecimento como algo grave e por considerarem que a polícia não seria capaz de intervir com sucesso para pôr um fim à situação.

Relativamente às crianças/jovens vítimas de *grooming*, é importante distinguir entre o número de vítimas do sexo feminino e do sexo masculino que são aliciadas, uma vez que há estudos com resultados divergentes. Os estudos indicam que ambos os sexos são alvo de *grooming*, mas há divergências quanto ao sexo mais vitimizado – estudos como o de Kool (2011) afirmam que as raparigas apresentam maior risco de ser vítimas deste crime do que os rapazes, mas num estudo nacional recente, de Branca, Grangeia & Cruz (2016), cerca de 18 vítimas de *grooming online* eram do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

Também relativamente à idade se verificam algumas variações. Para ambos os sexos, há uma faixa etária onde as crianças/jovens estão mais sujeitos a serem vítimas de *grooming*, no entanto, dois estudos apresentam idades e razões diferentes. Segundo Williams (2015), no seu estudo etnográfico, realizado através de relatos de alguns agressores, estes admitiram procurar crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos, pois coincidiam com o início do desenvolvimento e interesse sexual por parte das mesmas e por se revelarem mais vulneráveis ao abuso. Em contraste com estes dados, no estudo de Branca, Grangeia & Cruz (2016), os indivíduos vítimas de *grooming online* apresentam uma idade igual ou superior a 14 anos. As

autores justificam este resultado - de acordo com o que Sanavio (1998, cit por Branca, Grangeia & Cruz, 2016) defende -, pelo facto de os jovens se sentirem mais confiantes e seguros conforme vão tendo mais idade.

Estudos mais antigos demonstram que a escolha das vítimas passa pela forma como a criança estava vestida e se apresentava sinais de falta de carinho e confiança (Berliner & Conte, 1990, Elliott et al., 1995, Finkelhor, 1984, McAlinden, 2012 cit por Williams, 2015). Sanderson (2005, cit por Moraes & Aguado, 2014) afirma que a maior parte dos *groomers* não se interessam por crianças que utilizam maquilhagem ou que se vestem de uma forma que os ofensores consideram “provocante”. Por este motivo, os *groomers* têm focado o seu interesse em crianças com 7 ou 8 anos.

Existem ainda outros fatores que comprometem a segurança das crianças/jovens como é o caso da partilha de fotografias na internet/Redes Sociais, uma vez que são de fácil acesso por desconhecidos. Sendo as fotos consideradas um dado pessoal, num estudo realizado por Moraes & Aguado (2014), cerca de 70% das crianças disseram que partilhavam fotos na internet. Perto de 30% das crianças têm visíveis os seus dados pessoais nas redes sociais, por considerarem que são seguras, dado que apenas as pessoas adicionadas têm acesso, e 10% justifica isso pelo facto de terem de digitar uma senha de acesso. 80% das crianças partilham o seu nome verdadeiro, 10% o nome da escola, 10% o nome de familiares, 60% partilham informações sobre os seus gostos ao nível da música e jogos e 10% partilharam o seu número de telemóvel com os sujeitos que conheceram *online*. Perante a descrição destes dados, torna-se fácil o acesso a crianças por parte de criminosos que procuram determinados atributos, de acordo com a informação visível. Ainda no mesmo estudo, aproximadamente 45% das crianças não saberiam o que fazer caso estivessem em perigo, 45% requereria ajuda aos pais e 10% bloqueariam a pessoa e denunciariam. Para além da influência destes fatores, um outro fator relevante é a supervisão de um adulto, sendo que cerca de 80% das crianças afirma que os pais controlavam o seu tempo na internet, 10% acompanhavam a criança no acesso à internet com limite de tempo e outros 10%, para além de impor limites de tempo, também instalaram programas de controlo e filtragem.

Num estudo realizado por Amaral (2016), um grupo foi entrevistado na tentativa de averiguar quem adicionavam nas suas redes sociais, obtendo diferentes relatos. Alguns dos entrevistados admitiram que não aceitam as pessoas de quem não gostam. Outros afirmaram que

apenas adicionam colegas de trabalho e figuras públicas. Existem ainda casos de sujeitos que declararam adicionar amigos de amigos, pessoas que tenham a mesma ideologia e que participam nos mesmos movimentos religiosos. No mesmo sentido, alguns entrevistados disseram que o principal objetivo é fazer amizade com quem tenha os mesmos interesses.

2. Estudo empírico

2.1. Objeto e objetivos

O objeto deste estudo são as experiências de *grooming sexual* através da internet e redes sociais, vividas pelos sujeitos inquiridos antes de atingirem a maioridade.

O objetivo geral é conhecer padrões de contacto *online* de indivíduos, atualmente maiores de 18 anos, que tenham sido abordados quando ainda eram menores de idade, por conhecidos e/ou desconhecidos, com intenção de sedução ou aliciamento para fins sexuais, ou seja, que tenham sido vítimas de *grooming* através da internet e das redes sociais.

Entre os objetivos mais específicos procura-se compreender alguns padrões comuns entre as vítimas de *grooming*, tais como as suas características sociodemográficas, o número de horas que passavam na internet, as redes sociais que utilizavam, se existia ou não supervisão por parte de algum adulto, de quem aceitavam pedidos de amizade, quais os conteúdos partilhados, tipo de solicitações e a frequência com que ocorreram esses contactos, reação que tiveram.

2.2. Metodologia

Face ao objeto e objetivos apresentados, a metodologia que mais se adequava ao nosso estudo seria quantitativa, tendo optado pela aplicação de um questionário construído especificamente para este estudo (aplicado *online*), que nos permitisse recolher uma grande quantidade de informação sobre este fenómeno no espaço de tempo reduzido de que dispúnhamos. Neste estudo, e de acordo com os objetivos apresentados, será utilizado um

método de indução que se refere à descoberta de padrões de comportamentos (Johnson & Onwuegbuzie, 2004).

O nosso objetivo inicial era proceder à aplicação de um questionário sobre os riscos associados ao uso da internet / redes sociais junto de menores de idade, versando em particular o fenómeno de *grooming online*, a ser aplicado em escolas, a crianças com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, após obtenção do consentimento informado dos próprios e dos respetivos pais, tutores ou encarregados de educação. Devido a dificuldades que surgiram no acesso a esta amostra, optamos por reformular o questionário, de modo a aplicá-lo a adultos, solicitando que no reportassem experiências de *grooming* por si vividas antes de perfazerem os 18 anos, tendo, assim, o nosso estudo, um carácter retrospectivo.

Numa segunda etapa da investigação mais ampla em que este estudo se insere (em curso no Gabinete de Estudos e Atendimento a Agressores e Vítimas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob supervisão da Doutora Celina Manita), todos os inquiridos que tenham referido solicitações deste tipo e que se disponibilizem para colaborar, cedendo um contacto, irão ser contactados para realização de uma entrevista em profundidade, para aprofundamento do conhecimento e compreensão das experiências vividas, dos sentidos e significados a elas atribuídos. No conjunto das duas etapas este constitui-se como um estudo misto, quantitativo e qualitativo.

Nas palavras de Tashakkori e Teddlie (2003), os métodos qualitativo e quantitativo complementam-se, sendo que nenhum é suficiente quando aplicado individualmente (cit. por Augusto, 2014). Os métodos mistos podem ser aplicados em processos de triangulação (os métodos quantitativo e qualitativo podem ser aplicados concomitantemente ao mesmo grupo de participantes) e em projetos sequenciais (os métodos quantitativos e qualitativos são aplicados um a seguir ao outro para o mesmo grupo de participantes ou para outro grupo distinto, dos quais fazem parte os desenhos explicativos e exploratórios) (Gelo, Braakman, & Benetka, 2008).

Neste quadro, a investigação qualitativa poderá fornecer dados que permitam esclarecer os resultados encontrados na abordagem quantitativa. Para Appiah-Yeboah, Salib & Rupert (2007), no projeto sequencial, são recolhidos dados quantitativos para determinar quais os tópicos que devem ser aprofundados na segunda fase de investigação, essa já de cariz qualitativo.

2.2.1. Instrumento e Procedimentos

Para a recolha de dados de caracterização do fenómeno em estudo, foi por nós construído um questionário, aplicado *online*, elaborado especificamente para este estudo com base na revisão bibliográfica e na análise de questionários utilizados em anteriores estudos. O questionário é considerado por Chaer, Diniz & Ribeiro (2011) um poderoso instrumento que permite recolher uma grande diversidade e quantidade de dados, de forma anónima.

De acordo com o que acabamos de referir, fazem parte do instrumento construído questões abertas e questões fechadas, diretas (permitem obter de imediato a resposta desejada) e indiretas (são utilizadas quando se trata de assuntos delicados e os sujeitos têm dificuldade em dar uma resposta precisa (Nogueira, 2002). O nosso questionário é, na sua maioria, constituído por perguntas fechadas, ora de resposta obrigatória, ora de resposta não obrigatória. Também apresenta algumas questões abertas que não são de resposta obrigatória, de forma a minimizar o risco de desistência. Este instrumento coloca questões indirectas a que se seguem, de forma gradual, questões mais diretas, para atingir paulatinamente o objetivo proposto.

O questionário (cf. anexo A) por nós elaborado é constituído por um conjunto de 35 perguntas, sendo que algumas se desdobram em alíneas, perfazendo um total de 51 perguntas. Estas perguntas são de escolha múltipla e de resposta aberta. Antes de iniciar o questionário, era apresentada uma descrição do do estudo, eram fornecidos os contactos das investigadoras, para que os sujeitos pudessem colocar questões e eliminar dúvidas que pudessem ter sobre o estudo, preenchendo um formulário de consentimento informado que assegurava o cumprimento das normas éticas e deontológicas exigidas a qualquer estudo científico, designadamente o anonimato e a confidencialidade dos dados (cf. anexo B).

As primeiras questões deste questionário procuram obter informações sociodemográficas sobre os sujeitos. Uma das perguntas fundamentais desta primeira parte, essencial para prosseguir, era a questão relativa ao acesso à internet quando era menor de idade – se a resposta a esta questão fosse negativa, a colaboração no estudo cessava aqui. As restantes perguntas procuravam obter informações diversas sobre os padrões de utilização, como o tempo passado online, meios de acesso, redes que integravam, papel da supervisão parental, quais os comportamentos praticados na internet/redes sociais, frequência com que ocorreram contactos de aliciamento/sedução na internet, tipos de aliciamentos, as reações que tiveram face a eles, se

existiu algum encontro pessoal com algum desconhecido, entre outras. Finalmente, era solicitado aos sujeitos, de forma opcional, que descrevessem a sua experiência de aliciamento/sedução, quais os riscos que associavam à internet e se estavam dispostos a colaborar numa segunda fase do estudo. No caso de a resposta ser afirmativa, podiam deixar o seu contacto.

O questionário foi divulgado através da web interna da Universidade do Porto, junto de outras Universidades, através de grupos de FB e por um método de bola de neve, mediado por contactos por email.

2.3. Apresentação dos resultados

2.3.1. Caracterização da amostra

A nossa amostra é constituída por um total de 161 inquiridos, sendo que 135 são do sexo feminino e 26 do sexo masculino. A média de idades dos sujeitos é de 25 anos ($M=24,53$; $DP=5,95$), variando entre os 18 e os 54 anos. 95% são portugueses e 5% de outras nacionalidades (destes, 5 são brasileiros, 1 é espanhol e 1 é romeno).

Relativamente às habilitações literárias, 49,7% dos sujeitos inquiridos tem licenciatura, 32,3% tem o 12º ano, 16,1% tem o mestrado, 1,2% tem o 9.º ano e, por fim, 0,6% tem o doutoramento.

De acordo com os resultados obtidos, 46,6% dos sujeitos são estudantes, 28,6% trabalhadores, 16,8% trabalhadores-estudantes e 8,1% estão desempregados.

Dos 161 inquiridos, 62,1% são solteiros, 26,1% são comprometidos, 8,1% são casados e 3,7% vivem em união de facto.

2.3.2. Análise descritiva

O registo e tratamento estatístico dos dados foi realizado recorrendo ao programa SPSS, versão IBM SPSS Statistics 24. Devido a limitações de espaço, apenas alguns dos dados de caracterização serão aqui apresentados e, em algumas questões, será feita apenas uma descrição dos resultados mais altos e mais baixos, para se compreender o contraste entre ambos.

Num total de 161 sujeitos que responderam ao nosso questionário, verificou-se que a maioria (93,2%, N = 150) costumava utilizar a internet antes dos 18 anos. Uma vez que o nosso estudo visava as abordagens *online* com fins sexuais experienciadas antes dos 18 anos, apenas os resultados destes 150 inquiridos foram tidos em conta nos tratamentos estatísticos subsequentes.

Destes 150 sujeitos, 68,9% utilizavam o portátil e 19,3% utilizavam o tablet para aceder à internet, sendo que 87,6% dos sujeitos faziam-no através de casa e 41% em cafés, restaurantes, centros comerciais e outros locais públicos.

Relativamente à pergunta “Em média, quantos dias por semana acedia à internet quando era menor de idade?”, 50,3% dos sujeitos afirmaram aceder 7 dias por semana e 1,2% 1 dia por semana; 33,5% dos sujeitos estiveram cerca de 2 horas por dia a navegar na internet, 0,6% navegou 8 horas por dia e 0,6% navegou 12 horas por dia. Dos 161 inquiridos, 51 (31,7%) ficaram – como período máximo offline - sem aceder à internet entre 1 semana a 3 semanas e 8 (5%) entre 0 a 24 horas sem aceder à internet. Relativamente ao período máximo de horas seguidas que já esteve ligado à internet, 1,2% dos sujeitos estiveram 1 hora, no máximo, seguida na Internet, em contraste, com 0,6% dos sujeitos que estiveram, no máximo, 72 horas seguidas na Internet. Em média, 11,8% dos sujeitos estiveram, no máximo, 3 horas seguidas na Internet.

Na pergunta “Na maioria das vezes acedia à internet/redes sociais sozinho/a ou na presença de algum adulto?”, 88,2% dos sujeitos acediam à internet sozinhos e 5% acedeu à internet na presença de adultos. Quanto à existência de supervisão por algum adulto, apenas 18% dos sujeitos responderam que sim. Dos que responderam que sim, 19 afirmaram que essa supervisão era feita pelos pais, 5 pela mãe, 2 pelo pai, 1 pelo irmão e 1 pelas primas. O dado mais relevante, porém, é o facto de 90,1% dos inquiridos ter um acesso não supervisionado à internet/redes sociais quando era menor de idade.

88,2% dos sujeitos utilizava redes sociais, dos quais 69,6% utilizava o Facebook, 28% o Instagram, 22,4% o Twitter, 53,4% o Youtube, 14,3% o WhatsApp, 21,1% o Snapchat e 64% o hi5.

Em relação à idade em que os sujeitos criaram as suas redes sociais, 54,7% fizeram-no entre os 13 e os 15 anos, 18,6% entre os 16 e os 18 anos, 13,7% entre os 10 e os 12 anos e 1,2% entre os 7 e os 9 anos. Uma outra associação não significativa, mas relevante, é entre o sexo e

com que idade criou as suas redes sociais. Em ambos os sexos, a maior frequência de idades com que criam as redes sociais é entre os 13 e 15 anos.

As razões que os inquiridos mais apontaram para criar um perfil na rede social, foram: comunicar com pessoas de um dado grupo (65.8%), fazer amigos/as ou conhecer pessoas novas (45.3%), por ser uma tendência juvenil (0.6%) e por influência de pares/familiares (0.6%).

Relativamente às informações pessoais visíveis nas páginas sociais, é relevante referir que 83.2% dos sujeitos apresentava o seu nome verdadeiro, 44.1% dos sujeitos referia o nome de amigos/as e 1.2% a sua morada.

Quando questionados sobre se conheciam todos os seguidores/amigos que faziam parte das suas redes sociais no primeiro ano de utilização, 39.8% dos sujeitos afirmou que sim. Não existem diferenças significativas em função do sexo, relativamente ao facto de se conhecer ou não todas as pessoas que faziam parte da(s) sua(s) rede(s) social(ais), tendo a maioria dos sujeitos, de ambos os sexos, afirmado que não conheciam todos os sujeitos que tinha adicionado na sua rede social.

Quando inquiridos sobre de quem aceitavam os pedidos de amizades, 82.6% aceitava apenas amigos, 68.3% aceitavam conhecidos, 55.3% aceitavam amigos de amigos e 23.6% aceitavam desconhecidos. 24.2% dos inquiridos responderam que, média, costumavam jogar, interagir, dialogar na internet com 10 pessoas, 0.6% com 12 pessoas, 0.6% com 40 pessoas e 0.6% com 8 pessoas.

A partir do momento que os sujeitos criaram perfis ou contas em grupos ou redes sociais 68.9% refere ter começado a limitar a aceitação dos pedidos de amizade/seguidores.

Na resposta à pergunta “Na maioria das vezes, as pessoas que contactavam consigo na internet/redes sociais faziam-no para...”, 69.6% respondeu que o faziam para “pedir amizade” e 8.1% para pedir que lhes enviasse vídeos ou fotografias suas.

No conjunto da nossa amostra, 36% dos sujeitos indicaram que alguém que conheceram na internet fez coisas ou lhes enviou conteúdos desagradáveis quando ainda eram menores de idade. Apesar de 51.6% dos sujeitos indicarem que não receberam conteúdos desagradáveis, 24.8% indicou que o/a procuraram para iniciar conversas ou lhes fazerem perguntas sobre sexo/sexualidade, 23% dos sujeitos indicou que lhe enviaram fotos com nudez, 19.9% dos sujeitos indicou que lhe pediram que enviasse fotos suas com nudez, 18% que lhe pediram fotos suas em roupa interior e 3.7% que os ameaçaram, a si ou a alguém amigo/a da família.

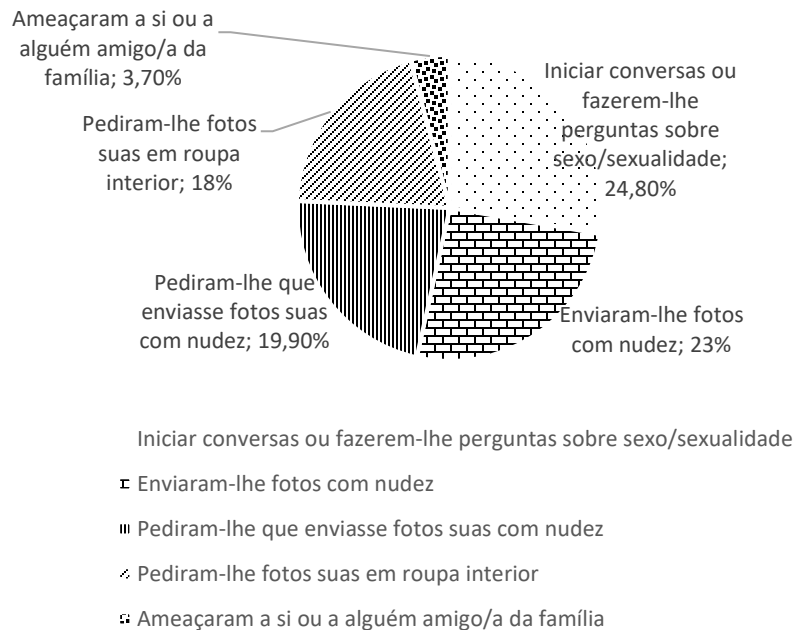


Gráfico 1 - Conteúdos desagradáveis que os sujeitos receberam

Em contraste, quando inquiridos sobre o que eles próprios tinham feito na internet quando eram menores de idade, 31.1% dos sujeitos respondeu que não fez nenhuma das hipóteses referidas, 53.4% publicou ou enviou a alguém amigo, namorado/a ou familiar fotos suas, 28.6% manteve um diálogo ou fez gravações online com o rosto exposto, 1.9% pediu a alguém que conheceu apenas *online* para lhe enviar vídeos íntimos dele/a, 1.2% pediu a alguém conhecido para lhe enviar vídeos íntimos.

Dos 146 sujeitos que responderam à pergunta “Alguma vez algum adulto que conheceu apenas na internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) social(ais) ou perfil(s) o/a aliciou/abordou com algum intuito sexual quando ainda era menor de idade?”, 25.5% respondeu afirmativamente. 19.9% referiram que lhes foi proposto um encontro pessoal por parte de um adulto que conheceram apenas na internet. Destes 19.9% contaram o sucedido e/ou pediram ajuda a um adulto fora da sua família (como um professor), 13% bloquearam a pessoa nas suas

redes, 1.2% contaram ou pediram ajuda a um adulto da sua família. Depois de questionados sobre se o encontro se realizou, apenas 6 (3.7%) disseram que sim.

Relativamente à idade do sujeito que fez a proposta do encontro pessoal, 5% dos sujeitos tinham menos de 18 anos, 8.7% tinham idade compreendida entre os 19 e os 30 anos e 4.3% tinham mais de 30 anos. Dos sujeitos que fizeram propostas de encontro pessoal aos sujeitos da nossa amostra, apenas 1 era do sexo feminino, sendo 30 (18.6%) do sexo masculino.

Dos 6 inquiridos que afirmaram que o encontro se chegou a realizar, 2 tinham 14 anos quando esse encontro se realizou, 3 tinham 16 anos e 1 tinha 17 anos. 4 destes encontros ocorreram num espaço público aberto e 2 num espaço público fechado, sendo que 5 sujeitos se deslocaram até esse local sozinhos e 1 foi acompanhado.

Relativamente à questão “Em algum momento propôs a alguém adulto que conheceu apenas na internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) social(ais) que tivesse um encontro pessoal?”, 3.1% dos sujeitos responderam que sim (3 desses encontros chegaram a realizar-se, 2 num espaço público aberto, deslocando-se até lá sozinhos e 1 teve lugar num espaço público fechado, deslocando-se até lá acompanhado/a).

Na amostra inquirida, 18.6% dos sujeitos referiu que se sentiu pressionado ou ameaçado por alguém conhecido/desconhecido, em algum momento, para fazer algo que não queria.

2.3.3. Análise inferencial

Para averiguar a existência de associações específicas entre as variáveis por nós estudadas e estabelecer algumas diferenciações entre subgrupos da nossa amostra foram realizadas estatísticas inferenciais, com recurso, tendo em conta a natureza das variáveis, aos testes de qui-quadrado e teste-t para amostras independentes.

Associações em função do sexo

Relativamente à relação entre o sexo dos inquiridos e as informações pessoais que estavam visíveis nas redes sociais, verificaram-se associações estatisticamente significativas com a variável “a escola que frequentava” ($X^2(1, N=142)=4.830, p=.028$) e a variável “Apresentar a sua morada” ($X^2(1, N=142)=13.132, p\leq.001$), constatando-se que há uma maior

percentagem de sujeitos do sexo masculino a indicar na sua rede social esta informação. (cf. Tabelas 1 e 2)

*Tabela 1 – Associação entre as variáveis Sexo*Escola que frequentava*

Crosstab

			A escola que frequentava		Total
			Sim	Não	
sexo	Feminino	Count	64	59	123
		Expected Count	68,4	54,6	123,0
		% within sexo	52,0%	48,0%	100,0%
	Masculino	Count	15	4	19
		Expected Count	10,6	8,4	19,0
		% within sexo	78,9%	21,1%	100,0%
Total	Count		79	63	142
	Expected Count		79,0	63,0	142,0
	% within sexo		55,6%	44,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,830 ^a	1	,028		
Continuity Correction ^b	3,801	1	,051		
Likelihood Ratio	5,179	1	,023		
Fisher's Exact Test				,045	,023
Linear-by-Linear Association	4,796	1	,029		
N of Valid Cases	142				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,43.

b. Computed only for a 2x2 table

*Tabela 8 - Associação entre as variáveis Sexo*Morada*

Crosstab

			A sua morada		Total
			Sim	Não	
sexo	Feminino	Count	0	123	123
		Expected Count	1,7	121,3	123,0
		% within sexo	0,0%	100,0%	100,0%
	Masculino	Count	2	17	19
		Expected Count	,3	18,7	19,0
		% within sexo	10,5%	89,5%	100,0%
Total	Count		2	140	142
	Expected Count		2,0	140,0	142,0
	% within sexo		1,4%	98,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	13,132 ^a	1	,000		
Continuity Correction ^b	6,646	1	,010		
Likelihood Ratio	8,236	1	,004		
Fisher's Exact Test				,017	,017
Linear-by-Linear Association	13,040	1	,000		
N of Valid Cases	142				

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,27.

b. Computed only for a 2x2 table

Relativamente à interação entre sexo e às solicitações que recebiam por parte de outrem, existem associações estatisticamente significativas na variável “bullying” ($X^2(1, N=150)=6.016$,

$p=.014$), verificando-se também que é maior a percentagem de sujeitos do sexo masculino a receber esta solicitação (cf. tabela 3, em anexo¹)

Quanto às solicitações que o/a próprio/a fez, na variável “Pedir a alguém amigo, namorado/a ou familiar para lhe enviar fotos dele/a em roupa interior” ($X^2(1, N=150)=4.931$, $p=.026$), na variável “Pedir a alguém conhecido para lhe enviar vídeos íntimos dele/a” ($X^2(1, N=150)=12.452$, $p\leq.001$), na variável “Pedir a alguém que conheceu online para lhe enviar vídeos íntimos dele/a” ($X^2(1, N=150)=7.052$, $p=.008$) e na variável “Fazer propostas para ter sexo virtual” ($X^2(1, N=150)=9.090$, $p=.003$), verifica-se também a existência de diferenças entre os dois sexos, sendo de novo o grupo do sexo masculino a afirmar fazê-lo mais frequentemente (cf. tabelas 4 a 7, em anexo)

Quanto à reação dos sujeitos à proposta de realização de um encontro pessoal por um sujeito que conheceu apenas *online*, encontraram-se também algumas associações estatisticamente significativas em função do sexo. Na variável “Respondeu positivamente” ($X^2(1, N=32)=11.520$, $p=.001$), verifica-se que há uma maior percentagem de sujeitos do sexo masculino que afirmou que deu esta resposta quando lhe foi proposto um encontro pessoal. (cf. tabela 8, em anexo)

Quando questionados sobre se o encontro se chegou a concretizar, existem também diferenças significativas entre os sexos ($X^2(1, N=32)=7.619$, $p=.006$), verificando-se que há uma maior percentagem de sujeitos do sexo masculino que responderam que sim (cf. tabela 9, em anexo).

Quando se pretende perceber quais os motivos associados aos pedidos de amizade recebidos pelos sujeitos da nossa amostra, encontram-se também algumas diferenças em função do sexo, relativamente aos motivos “para colocarem um like/gosto numa página ou publicação sua” ($X^2(1, N=150)=8.258$, $p=.004$) e “Pedirem-lhe para dar um like/gosto numa página ou publicação deles/as” ($X^2(1, N=150)=7.367$, $p=.007$), verificando-se que há uma maior percentagem de sujeitos do sexo feminino que receberam pedidos de amizade com estes intuitos (cf. Tabelas 10 e 11).

¹ Por limitações de espaço e para evitar a saturação da mancha gráfica do texto, uma parte das tabelas estatísticas foi remetida para anexo, encontrando-se todas elas no Anexo C desta tese.

Tabela 10 – Associação entre as variáveis Sexo*Porque receberam pedidos de amizade

Crosstab

		Colocarem um "like / gosto" numa página ou publicação sua			
		Sim	Não	Total	
sexo	Feminino	Count	80	49	129
		Expected Count	74,0	55,0	129,0
		% within sexo	62,0%	38,0%	100,0%
	Masculino	Count	6	15	21
		Expected Count	12,0	9,0	21,0
		% within sexo	28,6%	71,4%	100,0%
	Total	Count	86	64	150
		Expected Count	86,0	64,0	150,0
		% within sexo	57,3%	42,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	8,258 ^a	1	,004		
Continuity Correction ^b	6,947	1	,008		
Likelihood Ratio	8,270	1	,004		
Fisher's Exact Test				,008	,004
Linear-by-Linear Association	8,203	1	,004		
N of Valid Cases	150				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,96.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 11 - Associações entre as variáveis Sexo*Porque receberam pedidos de amizade

Crosstab

			Pedirem-lhe para dares um “like / gosto” numa página ou publicação delas		
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	59	70	129
		Expected Count	53,3	75,7	129,0
		% within sexo	45,7%	54,3%	100,0%
	Masculino	Count	3	18	21
		Expected Count	8,7	12,3	21,0
		% within sexo	14,3%	85,7%	100,0%
	Total	Count	62	88	150
		Expected Count	62,0	88,0	150,0
		% within sexo	41,3%	58,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	7,367 ^a	1	,007		
Continuity Correction ^b	6,127	1	,013		
Likelihood Ratio	8,297	1	,004		
Fisher's Exact Test				,008	,005
Linear-by-Linear Association	7,318	1	,007		
N of Valid Cases	150				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,68.

b. Computed only for a 2x2 table

É de destacar ainda que não se encontraram associações estatisticamente significativas entre os diferentes sexos e o número de vezes que alguém foi vítima de aliciamento *online*.

Utilizou-se, por fim, um t-teste para amostras independentes para verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos quanto ao número de horas por dia que navegavam na internet.

Existem diferenças significativas entre o sexo feminino e sexo masculino ($t(20.953) = -2.613$, $p = .006$) relativamente às horas por dia que navegavam na Internet, sendo que o sexo

masculino navega mais horas por dia na internet ($M=4.55$, $DP= 2.762$), comparativamente ao sexo feminino ($M=2.90$, $DP=1.549$) (cf. Tabela 12).

*Tabela 12 - T-Teste em função do sexo*horas por dia que passava na Internet*

<i>Group Statistics</i>										
	sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean					
Em média, quantas horas por dia navegava na Internet quando era menor de idade?	Feminino	125	2,90	1,549	,139					
	Masculino	20	4,55	2,762	,618					

<i>Independent Samples Test</i>										
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
Em média, quantas horas por dia navegava na Internet quando era menor de idade?	Equal variances assumed	7,689	,006	-3,904	143	,000	-1,654	,424	-2,492	-,816
	Equal variances not assumed			-2,613	20,953	,016	-1,654	,633	-2,971	-,337

Associações em função da idade em que se iniciou nas redes sociais

Através do Teste de Qui-quadrado, verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre as redes sociais que eram utilizadas pelos sujeitos da nossa amostra antes dos 18 anos e a idade com que, pela primeira vez, criaram um perfil ou integraram uma dada rede social, verificando-se diferenças em todas elas, exceto na rede WhatsApp.

Os dados recolhidos indicam que, quer para o Facebook ($X^2(2, N=141)=7.210$, $p=.027$), quer para o Instagram ($X^2(2, N=141)=10.239$, $p=.006$), quer para o Twitter ($X^2(2, N=141)=7.639$, $p=.022$), quer para o Snapchat ($X^2(2, N=141)=8.338$, $p=.015$), quer ainda para a rede Hi5 ($X^2(2, N=141)=7.534$, $p=.023$), é o grupo de sujeitos que criou perfis ou se inseriu num determinado grupo ou chat com menos de 12 anos aquele que apresenta uma maior participação nestas redes sociais, o que indicia um fator geracional na utilização de determinadas redes sociais. Já relativamente ao Youtube ($X^2(2, N=141)=10.576$, $p=.005$), o grupo de sujeitos

que apresenta maior percentagem de integração são os que criaram canas de youtube quando tinham idades compreendidas entre os 13 e 15 anos (cf. tabelas 13 a 18, em anexo).

No que se refere às informações pessoais visíveis no(s) seu(s) perfil(is) e a idade com que criou a sua rede social, existe uma associação estatisticamente significativa no que diz respeito à variável “locais que frequentava regularmente ou em que fazia férias” ($X^2(2, N=142)=8.745$, $p=.013$), verificando-se que há uma percentagem significativamente superior de sujeitos que criaram a sua rede social até aos 12 anos que afirmaram que colocavam essa informação visível (cf. Tabela 19).

*Tabela 19 - Associação entre as variáveis Idade com que criou perfil*Informações pessoais*

Crosstab

			Locais que frequentava regularmente ou em que fazia férias		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	6	18	24
		Expected Count	2,2	21,8	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	25,0%	75,0%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	5	83	88
		Expected Count	8,1	79,9	88,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	5,7%	94,3%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	2	28	30
		Expected Count	2,7	27,3	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	6,7%	93,3%	100,0%
	Total	Count	13	129	142
		Expected Count	13,0	129,0	142,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	9,2%	90,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	8,745 ^a	2	,013
Likelihood Ratio	6,857	2	,032
Linear-by-Linear Association	4,597	1	,032
N of Valid Cases	142		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,20.

Na relação entre o que já lhe aconteceu na internet/redes sociais e a idade com que criou a(s) sua(s) rede(s) social(ais), verificou-se uma associação estatisticamente significativa com a variável “*bullying*” ($X^2(2, N=142)=10.223$, $p=0.006$), constatando-se que há uma percentagem significativamente superior de sujeitos que criaram a sua rede social até aos 12 anos e que afirmaram ter sido vítimas de *bullying online* (cf. tabela 20).

*Tabela 20 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*O que já lhe aconteceu*

Crosstab

			Bullying		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	5	19	24
		Expected Count	1,5	22,5	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	20,8%	79,2%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	3	85	88
		Expected Count	5,6	82,4	88,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	3,4%	96,6%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	1	29	30
		Expected Count	1,9	28,1	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	3,3%	96,7%	100,0%
	Total	Count	9	133	142
		Expected Count	9,0	133,0	142,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	6,3%	93,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,223 ^a	2	,006
Likelihood Ratio	7,571	2	,023
Linear-by-Linear Association	5,971	1	,015
N of Valid Cases	142		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 1,52.

É importante referir ainda que não se encontrou uma associação significativa entre a idade com que criou um perfil ou integrou uma rede social pela primeira vez e a supervisão parental, ou seja, a idade com que criou um perfil nas redes sociais não depende da presença ou ausência desta supervisão.

Associações em função do controlo/supervisão parental

Verifica-se que existem associações estatisticamente significativas entre o controlo/supervisão por algum adulto e de quem aceitavam os pedidos de amizade na variável “amigos/as de amigos/as” ($X^2(1, N=142)=9.368, p=.002$) e na variável “desconhecidos/as” ($X^2(1, N=142)=4.166, p=.041$), constatando-se que um número significativamente maior de sujeitos que não tinham supervisão parental aceitavam estes pedidos de amizade, comparativamente aos sujeitos que tinham supervisão na utilização da internet (cf. Tabelas 21 e 22).

Tabela 21 - Associação entre as variáveis Superisão por um adulto*De quem aceitava pedidos de amizade

Crosstab

			amigos/as de amigos/as		Total	
			Sim	Não		
A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	Sim	Count	10	17	27	
		Expected Count	16,9	10,1	27,0	
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	37,0%	63,0%	100,0%	
	Não	Count	79	36	115	
		Expected Count	72,1	42,9	115,0	
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	68,7%	31,3%	100,0%	
		Total	Count	89	53	142
			Expected Count	89,0	53,0	142,0
			% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	62,7%	37,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	9,368 ^a	1	,002		
Continuity Correction ^b	8,064	1	,005		
Likelihood Ratio	9,084	1	,003		
Fisher's Exact Test				,004	,003
Linear-by-Linear Association	9,302	1	,002		
N of Valid Cases	142				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,08.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 22 - Associação entre a Supervisão por um adulto*De quem aceitava pedidos de amizade

Crosstab

		desconhecidos/as		Total	
		Sim	Não		
A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	Sim	Count	3	24	27
		Expected Count	7,2	19,8	27,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	11,1%	88,9%	100,0%
	Não	Count	35	80	115
		Expected Count	30,8	84,2	115,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	30,4%	69,6%	100,0%
Total		Count	38	104	142
		Expected Count	38,0	104,0	142,0
		% within A utilização que fazia da sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	26,8%	73,2%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,166 ^a	1	,041		
Continuity Correction ^b	3,238	1	,072		
Likelihood Ratio	4,792	1	,029		
Fisher's Exact Test				,053	,030
Linear-by-Linear Association	4,137	1	,042		
N of Valid Cases	142				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,23.

b. Computed only for a 2x2 table

Relativamente à interação entre as razões porque recebiam pedidos de amizade e o controlo/supervisão, existem associações estatisticamente significativas para as variáveis “tentar conhecê-lo/a melhor” ($X^2(1, N=150)=4.384, p=.036$) e “Partilhar /trocar fotos” ($X^2(1, N=150)=5.817, p=.016$), constatando-se que há uma maior percentagem de sujeitos que não tinham supervisão parental e que receberam pedidos de amizade com este propósito, comparativamente aos sujeitos que tinham supervisão (cf. tabelas 23 e 24, em anexo).

Existem, ainda, associações estatisticamente significativas entre as solicitações que receberam de outrem e o controlo/supervisão no que diz respeito à variável “Enviar-lhe fotos com nudez” ($X^2(1, N=150)=3.968, p=.046$), indo estas no mesmo sentido, ou seja, é maior a percentagem de sujeitos que não tinham supervisão por parte de um adulto e que receberam esta solicitação, comparativamente aos sujeitos que tinham supervisão (cf. tabela 25, em anexo).

Associações em função do número de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução

É importante referir que existem também associações estatisticamente significativas entre o número de vezes que alguém foi vítima e as razões pelas quais tinham criado os seus perfis ou integrado uma dada rede social. Tal acontece para a variável “Fazer amigos/as ou conhecer pessoas novas” ($X^2(2, N=99)=6.250, p=.044$), onde se verifica que há uma maior percentagem de sujeitos que foram aliciados “uma ou duas vezes” e que afirmaram que criaram a rede social por esta razão (cf. tabela 26, em anexo); e para a variável “combinar encontros com pessoas que conheceu online” ($X^2(2, N=99)=6.786, p=.034$), em que foram os sujeitos aliciados “três ou mais vezes” os que mais frequentemente disseram que criaram a rede social com este objetivo, comparativamente aos outros grupos (cf. tabela 27, em anexo).

Relativamente às informações pessoais visíveis e o número de vezes que foi vítima de aliciamento, existe uma associação estatisticamente significativa com a variável indicar “a localidade onde vivia” ($X^2(2, N=99)=7.260, p=.027$), verificando-se que há uma maior percentagem de sujeitos que foram “três ou mais vezes” aliciados que afirmaram ter esta informação visível, comparativamente aos outros grupos (cf. tabela 28, em anexo).

Também se observam associações estatisticamente significativas entre o número de vezes que os sujeitos foram vítimas de aliciamento e de quem aceitavam pedidos de amizade, relativamente à variável “amigos/as de amigos/as” ($X^2(2, N=99)=7.587, p=.023$), constatando-se que há uma maior percentagem de sujeitos que foram “uma ou duas vezes” aliciados que responderam que aceitavam pedidos destas pessoas, comparativamente aos outros grupos (cf. tabela 29, em anexo).

Foi ainda constatada uma associação estatisticamente significativa entre as razões para receberem pedidos de amizade e o número de vezes que foram vítimas de aliciamento, relativamente às variáveis “Tentar conhecê-lo/la melhor” ($X^2(2, N=105)=8.300, p=.016$) e “Pedir que lhe enviasse vídeos ou fotografia suas” ($X^2(2, N=105)=20.100, p=.000$), constatando-se que há uma maior percentagem de sujeitos que foram “três ou mais vezes” aliciados e que afirmaram ter recebido pedidos com este objetivo, comparativamente aos outros grupos (cf. tabelas 30 e 31, em anexo).

A este nível, podemos especificar, sem surpresa, que os conteúdos desagradáveis solicitados ou partilhados por terceiros aos inquiridos que surgem mais fortemente associados ao facto de se ser mais vezes vítima de aliciamento são o “iniciarem conversas ou fazerem perguntas sobre sexo/sexualidade”, o “envio de fotos em roupa interior”, o “envio de fotos com nudez”, “o envio de vídeos íntimos”, a “solicitação de fotos com nudez”, a “solicitação de fotos em roupa interior”.

Algo de similar ocorre relativamente aos comportamentos de solicitação que os próprios inquiridos tinham online e o número de vezes que foram vítimas de aliciamento, verificando-se associações estatisticamente significativas com algumas variáveis, de entre as quais destacamos: “iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo/sexualidade a conhecidos” ($X^2(2, N=105)=10.228, p=.006$), “iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo/sexualidade a alguém que conheceu apenas *online*” ($X^2(2, N=105)=6.371, p=.041$), nas quais se constata que um número maior de sujeitos aliciados “três ou mais vezes” realizavam estas solicitações, comparativamente aos outros grupos (cf. tabelas 32 e 33, em anexo).

Verifica-se, por fim, que apenas os sujeitos que já tinham proposto um encontro pessoal a alguém adulto que haviam conhecido apenas *online* foram vítimas de aliciamento “três ou mais vezes” ($X^2(2, N=105)=9.927, p=.007$) (cf. tabela 34, em anexo)

Relativamente à relação das variáveis “número de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução” e a variável se “a utilização que fazia da internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto”, não existe associação estatisticamente significativa. O mesmo acontece relativamente à interação entre o número de vezes que foi vítima e o número de horas por dia que navegavam na internet.

3. Discussão dos resultados e conclusões

Pretende-se neste capítulo fazer uma análise global e reflexiva dos resultados obtidos e das principais conclusões que deles podemos extrair, baseando-nos, sempre que possível, na revisão da literatura efetuada e procurando perceber em que medida foram alcançados os objetivos que tínhamos definido para este estudo, lançar pistas para futuros estudos e sugerir pistas para a prevenção do fenómeno do *grooming*.

Um dos dados mais importantes que este estudo revela é o facto de um quarto dos inquiridos ter afirmado ter sido vítima de algum tipo de aliciamento *online* com fins sexuais quando ainda era menor de idade. Como atrás referido, 25.5% dos sujeitos afirma ter sido abordado com algum intuito sexual, o que representa um sinal de evidente alerta para os riscos associados à utilização da internet por menores de idade e requer estudos mais amplos, com amostras maiores e mais diversificadas e, sobretudo, exige a realização de estudos junto de crianças e jovens que nos relatem as suas experiências a este nível. Só conhecendo o fenómeno do *grooming sexual online* em Portugal será possível definir políticas e medidas preventivas que possam vir a diminuir o crescente número de casos de crimes sexuais com menores perpetrados a partir da internet, como referido no início desta dissertação.

Este dado adquire ainda maior relevo quando se verifica uma associação entre a falta de supervisão da utilização da internet por um adulto e o aumento do número de contactos para aliciamento dos menores, dimensão que surge também associada a uma aceitação mais regular e menos criteriosa dos pedidos de amizade (incluindo desconhecidos) e a uma partilha menos segura e mais ampla de conteúdos íntimos e de informação pessoal nos perfis ou redes sociais utilizados (fotos pessoais, fotos com nudez, indicação do nome, localidade e escola frequentada, entre outros). Mais ainda quando se encontra uma associação entre a exposição de informações pessoais nas redes sociais e o número de vezes que se foi vítima de aliciamento.

Este parece ser, de acordo com os dados do nosso estudo, um potencial fator de vulnerabilidade para a criança. Paralelamente, os nossos dados confirmam os riscos referidos por Ponte e Vieira (2008) de as crianças e jovens estarem expostos ao risco de aceder a material sexual quando utilizam a internet, sobretudo se o fazem de forma não supervisionada.

Esta preocupação é reforçada quando se constata que é o grupo de sujeitos que criou perfis ou integrou redes sociais mais cedo (com menos de 12 anos, uma idade em que, legalmente, não poderiam sequer ter criado a maioria dos perfis ou ter integrado a generalidade das redes que referiram utilizar) aquele que um maior número de redes sociais frequenta e as frequenta com maior regularidade. Esta realidade poderá estar associada à necessidade referida por Amaral (2016) de as crianças/jovens procurarem atingir um *status* social que está relacionado com o número de sujeitos adicionados à sua rede social, mesmo que a maioria não seja conhecida pessoalmente.

Foi também visível neste estudo que os sujeitos que foram aliciados mais vezes foram os que criaram as suas redes sociais com o intuito de “fazer amigos/as ou conhecer pessoas novas” e de “combinar encontros com pessoas que conheceram online”. Estes resultados indicam-nos que os sujeitos, por estarem mais predispostos a conhecerem novas pessoas, poderão estar mais disponíveis para um primeiro contacto que os torna mais vulneráveis ao aliciamento. Simultaneamente, os nossos dados indicam que o grupo dos sujeitos que começaram a utilizar as redes sociais antes dos 12 anos se revela menos cuidadoso no tipo de informação que partilha e mais susceptível de serem exposto a interações abusivas, como o cyberbullying, assim como a interações, solicitações e/ou partilha de conteúdos sexualizados.

Somos, assim, levados a concordar com Pereira (2015), quando defende que é importante impor regras relativamente à exposição de informações confidenciais e também sobre a forma como se navega na internet, de modo a minimizar os riscos de as crianças virem a ser alvo de crimes sexuais perpetrados através da internet.

A variável sexo não surgiu no nosso estudo como uma variável relevante para explicar o grau ou a frequência da exposição ao aliciamento, mas surge associada a algumas diferenças na utilização das redes sociais entre rapazes e raparigas (e.g., o sexo masculino colocava nos perfis/redes sociais, com mais frequência, informações pessoais como a escola que frequentava ou a morada), à exposição a outros tipos de abusos online – verifica-se que o sexo masculino esteve com mais frequência exposto ao *bullying* do que o sexo feminino –, assim como à

exposição diferencial e execução diferencial de comportamentos que aumentam o risco de ser vítima de *grooming* sexual. Ou seja, verificou-se que os sujeitos da nossa amostra do sexo masculino relatam ter tido com mais frequência comportamentos de risco, como pedir a alguém (amigo, namorado/a ou familiar) fotos da pessoa em roupa interior, solicitar a alguém conhecido ou a alguém que apenas conheceu *online* vídeos íntimos, bem como ser alvo de propostas para ter “sexo virtual”. Foi também o sexo masculino o que respondeu positivamente com mais frequência quando receberam propostas para um encontro pessoal. Tal como Ponte e Vieira (2008) referiram, o nosso estudo revela que as crianças e jovens são um grupo vulnerável, exposto a riscos, sejam eles oriundos de outras pessoas, sejam resultantes de comportamentos dos próprios.

Podemos, assim, concluir que crianças e jovens de ambos os sexos estão expostos ao *grooming* sexual online e que partilham e aceitam as propostas de partilha de conteúdos sexuais com conhecidos e desconhecidos e, mesmo, de realização de encontros pessoais com desconhecidos, mas parece haver um maior risco nos rapazes. Dado o reduzido número de sujeitos do sexo masculino na nossa amostra, estes dados exigem um aprofundamento do estudo deste fenómeno em futuras investigações, com recurso a amostras mais amplas e diversificadas e com recurso a metodologias qualitativas, designadamente entrevistas em profundidade com sujeitos que tenham sido vítimas deste tipo de crime sexual.

Alguns dados do nosso estudo podem lançar já pistas sobre algumas dimensões mais fortemente associadas ao risco de ser vítima de *grooming* online. Disso serão exemplos o facto de se verificar que os sujeitos que foram mais vezes aliciados tinham recebido pedidos de amizade que tinham como motivações centrais “conhecê-lo/la melhor” e “pedir que enviassem vídeos ou fotografias suas”, eles próprios tinham mais frequentemente enviado ou solicitado este tipo de conteúdos, tinham recebido mais pedidos de envio de vídeos íntimos, fotos com nudez ou em trajes íntimos, tinham mantido diálogos ou feito gravações *online* com o rosto exposto, iniciado ou mantido conversas sobre sexo/sexualidade com pessoas conhecidas/amigas e/ou com desconhecidos ou pessoas que conheceu apenas online e tinham aceitado realizar encontros pessoais com alguém que conheceram apenas *online*.

Estes comportamentos de risco, acarretam consigo uma maior oportunidade de os abusadores conseguirem criar uma relação de proximidade com estas crianças, o que as torna

mais vulneráveis ao aliciamento e aumenta a probabilidade de virem a ser vítimas de abuso sexual *online* ou directo.

Tendo em conta os resultados obtidos, parece-nos que será fundamental, não só continuar a investir no estudo deste fenómeno, em diferentes populações e tanto junto de vítimas como de perpetradores deste tipo de abusos, com recurso a metodologias quantitativas e qualitativas, como também proceder a uma divulgação mais ampla, junto de jovens, pais e educadores, de informação sobre *grooming* e sobre os riscos associados a uma utilização não supervisionada da internet. Ressalta-se também a importância de realizar formações psicopedagógicas nas escolas, de forma a prevenir e a sinalizar casos de crianças que estejam em risco de virem a ser vítimas de *grooming*.

Referências bibliográficas

- Abrunhosa, I. (2015). *O crime de Abuso Sexual de Crianças – Uma análise Jurisprudencial*. Universidade Católica Portuguesa.
- Amaral, R. (2016). *Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea*. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- Amaro, A., Póvoa, A., Macedo, L. (2004/2005). *A arte de fazer questionários. Metodologias de investigação em Educação*. Departamento de Química. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Augusto, A. (2014). *Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência*. Forum Sociológico, (24), 73-77. doi:10.4000/sociologico.1073
- Berson, I. (2003). *Grooming cybervictims: The psychosocial effects of online exploitation for youth*. Journal of School Violence, 1(2), 5-18. doi: 10.1300/J202v02n01_02.
- Borjesson, C. (2012). *Tecnologias de Informação e Crimes Sexuais contra Menores: O abuso Sexual de Menores e a internet*. Universidade Católica Portuguesa – Porto Escola de Direito (pp. 1-62)
- Branca, C., Grangeia, H., Cruz, O. (2016). *Grooming online em Portugal: um estudo exploratório*. ISMAI, 3(XXXIV), pp.249-263. DOI: 10.14417/ap.978.
- Chaer, G., Diniz, R., Ribeiro, E. (2011). *A técnica do questionário na pesquisa educacional*. Araxá, v.7, n.7, pp.251-266.
- Corrêa, L. (2009) *Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes*.

- Davidson, J. (2007). *Current practice and research into internet sex offending*. Risk Management Authority Research.
- Davidson, J., Grove-Hills, J., Bifulco, A., Gottschalk, P., Caretti, V., Pham, T., & Webster, S. (2011). Online abuse: Literature review and policy context. (Project Report) European online grooming project.
- Finkelhor, D. (1994a). *Current information on the scope and nature of child sexual abuse*. The Future of Children, 4(2), 31-53
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual de crianças. Uma abordagem multidisciplinar: Manejo, terapia e intervenção legal integradas*. Porto Alegre: Artmed.
- Gelo, O., Braakmann, D., Benetka, G. (2008). *Quantitative and Qualitative Research: Beyond the Debate*. Integr Psych Behav (2008) 42:266–290. DOI 10.1007/s12124-008-9078-3
- Grant, T., & Macleod, N. (2016). *Assuming Identities Online: Experimental Linguistics Applied to the Policing of Online Paedophile Activity*. Applied Linguistics, 37(1), 50-70. doi:10.1093/applin/amv079
- Hahl, B., Ocanha, F., Pedroso, G. & Santos, J. (2013). *A influência das redes sociais nas relações interpessoais*. Colégio Mãe de Deus. Revista eletrônica, Vol. 4.
- Herring. S. (2007). *'A faceted classification system for computer-mediated discourse,'* Language@internet 1: 1–37.
- Kool, R. (2011). *Prevention by all means?. A legal comparison of the criminalization of online grooming and its enforcement*. Utrecht Law Review, 7, 46-69. Retirado de <http://www.utrechtlawreview.org/index.php/ulr/article/view/171/0>
- Lesniak, J. & Cowburn, M. (s.d.). *Sex Offenders & They Use the internet*.

- Machado, C. (2002). *Abuso sexual de crianças*. In C. Machado, & R. Gonçalves (Eds.), *Violência e vítimas de crimes* (Vol. 2) (pp. 39 - 93). Coimbra: Quarteto Editora.
- Marques, C. (2014). *Modus Operandi dos Abusadores Sexuais: Características identificadas nas Crianças Abusadas*. Instituto Universitário de Lisboa, pp. 1-97.
- Martins, P., Werkhäuser, S., Santos, G. & Brazaca, A. (2007). *Pedofilia e internet: a intervenção do Estado e o poder económico*. 21(1), pp. 64-73.
- Mendes, I. & Roque, M. (2017). Pornografia infantil: Novos Problemas face ao Paradigma da Pornografia Virtual?. Universidade de Lisboa: Faculdade de Direito.
- Monteiro, A. & Gomes, M. (2009). Comportamentos de risco na internet por parte de jovens portugueses: um estudo exploratório. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho. ISBN- 978-972-8746-71-1
- Moraes, M. & Aguado, A. (2014). *O Uso da internet para Aliciamento Sexual de Crianças*. Artigo de Estudo de Caso, v.2, n.1, pp. 137-159
- Morahan-Martin, J. & Schumacher, P. (2003). *Loneliness and Social Uses of the internet*. Applied Psychology Journal Articles, 2003.
- O'Connell, R. (2003). *A typology of chcybersexploitation and on-line grooming practices*. University of Central Preston: Lancashire.
- Padilha, M. (2015). *O advogado, a internet e as Redes Sociais*. IX Encontro Nacional do IAPI –Instituto dos Advogados em Prática Individual.

Pereira, S., Pereira, L., Pinto, M. (2011). *internet e redes sociais – Tudo o que vem a rede é peixe? EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade* (ed. 2011). ISBN: 978-989-95500-9-4.

Pereira, M. (2015). *A superexposição de crianças e adolescentes nas redes sociais: necessária cautela no uso de novas tecnologias para a formação de identidade*. 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

Pereira, M. (2015). *A superexposição de crianças e adolescentes nas redes sociais: necessária cautela no uso das novas tecnologias para a formação de identidade*. V Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática – Rede CIDDI. Universidade Federal de Santa Maria. ISSN:2238-9121.

Ponte, C., & Vieira, N. (2008). *Crianças e internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. Universidade Nova de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Seargeant, P. and C. Tagg (2011). ‘*English on the internet and a ‘post varieties’ approach to language,*’ *World Englishes* 30/4: 496–514.

Truzzi, G. (2012). *Cyberbullying, Cyberstalking e Redes sociais: Os reflexos da perseguição digital*. *Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias*. Conselho Penitenciário do Estado – COPEN/SP, nº 03, ISSN: 2238-1678

Williams, A. (2015). *Child sexual victimisation: ethnographic stories of stranger and acquaintance grooming*. *Journal of Sexual Aggression*, 21(1), 28-42. doi:10.1080/13552600.2014.948085

World Health Organization (2017). Responding to Children and Adolescent Who Have Been Sexually Abused: WHO clinical guidelines. ISBN 978-9-4-155014-7.

Legislação

Código Penal Português

Convenção de Lanzarote - Convenção do Conselho da Europa para a Protecção das Crianças contra a Exploração Sexual e os Abusos Sexuais

Lei 147/99, de 1 de setembro

Lei 59/2007, de 4 de setembro

Lei 103/2015, de 24 de Agosto

DECISÃO-QUADRO 2004/68/JAI DO CONSELHO de 22 de Dezembro de 2003

Resol. da AR n.º 20/90, de 12 de Setembro

ANEXOS

Anexo A- Questionário

1. Sexo

Feminino

Masculino

2. Idade

3. Habilitações literárias

9º

12º

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outra opção

4. Profissão

Estudante

Trabalhador/a

Trabalhador-Estudante

Desempregado/a

Outra opção

5. Estado civil

Solteiro/a

Comprometido/a

União de facto

Casado/a

Divorciado/a

Outra opção

6. Nacionalidade

7. Quando tinha menos de 18 anos costumava utilizar a internet?

Sim

Não

Se respondeu “Não” à pergunta anterior, a sua participação neste estudo termina aqui. Agradecemos muito a sua colaboração.

Se respondeu “Sim” à pergunta anterior, por favor, continue a responder às questões seguintes.

8. Quais os dispositivos que utilizava para aceder à internet?
(pode escolher mais do que uma resposta)

Computador Fixo

Telemóvel

Portátil

Tablet

Outra opção

9. Em que locais acedia à internet?
(pode escolher mais do que uma resposta)

Casa

Casa de amigos/familiares

Escola

Cafés, restaurantes, centros comerciais e outros locais públicos

Não tinha acesso

Outra opção

10. Em média, quantos dias por semana acedia à internet quando era menor de idade?

11. Em média, quantas horas por dia navegava na internet quando era menor de idade?

12. Qual o período máximo de tempo que esteve sem aceder à internet quando tinha menos de 18 anos? (horas, dias, semanas ou meses - identifique a qual se está a referir)

13. Qual o período máximo de horas seguidas que já esteve ligado/a à internet?

14. Na maioria das vezes acedia à internet/redes sociais sozinho/a ou na presença de algum adulto?

Sozinho/a

Na presença de adultos

15. A utilização que fazia da internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?

Sim

Não

15.1. Se sim, por quem?

16. Mesmo que na maioria das vezes existissem adultos a verificar o que fazia, houve alturas em que utilizou a internet/redes sociais sem a presença ou supervisão de nenhum adulto?

Sim

Não

17. Utilizava redes sociais?

Sim

Não

17.1. Se sim, quais?

(pode escolher mais do que uma resposta)

Facebook

Instagram

Twitter

Youtube

WhatsApp

Snapchat

Hi5

Outra opção

18. Com que idade criou o seu perfil nessa(s) rede(s) social(ais)?

19. Indique as razões pela(s) qual(ais) criou um perfil na(s) rede(s) social(ais)?

(Pode escolher mais do que uma resposta)

Fazer amigos/as ou conhecer pessoas novas

Comunicar com pessoas de um dado grupo

Para arranjar namorado/a ou companheiro/a

Para Flirtar/Namoriscar

Para combinar encontros com pessoas que conheceu online

Para aceder a informação (política, social, desportiva, etc)

Para realizar trabalhos académicos

Para procurar trabalho/emprego

Para ver ou dar "likes" em fotografias

Para fazer comentários

Outra opção

20. Qual(ais) a(s) informação(ões) pessoal(ais) que estava(am) visível(eis) na(s) sua(s) página(s)?
(pode escolher mais do que uma resposta)

O seu nome verdadeiro

Um nome fictício

A escola que frequentava

A localidade onde vivia

A sua morada

Nome de seus familiares

Nome de amigos/as

Locais que frequentava regularmente ou em que fazia férias

Nome de algum clube, associação musical ou grupo do qual fazia parte

Outra opção

21. Quando criou as suas páginas ou perfis em rede(s) social(ais), conhecia todos os seguidores/amigos que faziam parte das mesmas (pense no primeiro ano de utilização)?

Sim

Não

22. Quais as pessoas de quem aceitava pedidos de amizade?
(pode escolher mais do que uma resposta)

Amigos/as

Conhecidos/as

Amigos/as de amigos/as

Desconhecidos/as

Outra opção

23. Qual(ais) o(s) critério(s) que utilizava para aceitar o(s) seu(s) pedido(s) de amizade quando era menor de idade?

24. Nos primeiros 2 anos de utilização, em média, com quantas pessoas costumava jogar, interagir, dialogar, interagir na internet/redes sociais?

25. Na maioria das vezes, as pessoas que contactavam consigo na internet/redes sociais faziam-no para:

(pode escolher mais do que uma resposta)

Pedir amizade

Colocarem um “like / gosto” numa página ou publicação sua

Fazerem um comentário numa imagem ou publicação sua

Pedirem-lhe para dares um “like / gosto” numa página ou publicação delas

Partilhar informação

Sugerir o envolvimento em ações políticas, sociais, ecológicas, etc.

Tentar conhecer—lo/a melhor

Partilhar/trocar fotos

Partilhar/trocar vídeos

Pedir que lhes enviasse vídeos ou fotografias suas

Outra opção

26. Alguma vez alguém que conheceu na internet ou que adicionou às suas redes sociais ou perfis fez coisas ou lhe enviou conteúdos desagradáveis quando ainda era menor de idade?

Sim

Não

26.1. Se sim, qual(ais) destas coisas lhe aconteceu(ram)?

(pode escolher mais do que uma resposta)

Insultarem-no/a ou difamarem-no/a, a si ou a alguém amigo / da família

Ameaçarem-no/a a si ou a alguém amigo / da família

Bullying

Enviarem-lhe fotos em roupa interior

Enviarem-lhe fotos com nudez

Enviarem-lhe vídeos íntimos

Pedirem-lhe fotos suas em roupa interior

Pedirem-lhe fotos suas com nudez

Pedirem-lhe para fazer gravações online ou enviar-lhes vídeos íntimos seus

Iniciarem conversas ou fazerem-lhe perguntas sobre sexo / sexualidade

Nenhuma destas coisas

Outra opção

27. Qual(ais) destas coisas já fez na internet/rede(s) social(ais) quando era menor de idade?
(Pode escolher mais do que uma resposta)

Insultar ou difamar alguém

Ameaçar alguém

Bullying

Manter diálogos ou fazer gravações online com o rosto exposto

Publicar ou enviar a alguém amigo, namorado/a ou familiar fotos suas

Publicar ou enviar a alguém que conheceu apenas online fotos suas

Publicar ou enviar a alguém amigo, namorado/a ou familiar fotos suas em roupa interior

Publicar ou enviar a alguém que conheceu apenas online fotos suas em roupa interior

Publicar ou enviar a alguém que conheceu apenas online fotos suas com nudez

Publicar ou enviar a alguém amigo, namorado/a ou familiar vídeos íntimos seus

Publicar ou enviar a alguém que conheceu online vídeos íntimos seus

Pedir a alguém amigo, namorado/a ou familiar para lhe enviar fotos dele/a em roupa interior

Pedir a alguém que conheceu apenas online para lhe enviar fotos dele/a em roupa interior

Pedir a alguém conhecido para lhe enviar fotos dele/a com nudez

Pedir a alguém que conheceu apenas online para lhe enviar fotos dele/a com nudez

Pedir a alguém conhecido para lhe enviar vídeos íntimos dele/a

Pedir a alguém que conheceu apenas online para lhe enviar vídeos íntimos dele/a

Iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo / sexualidade a conhecidos/as

Iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo/sexualidade a alguém que conheceu apenas online

Fazer propostas para ter sexo virtual (e.g., live sex cams, partilhas no telemóvel ou internet)

Nenhuma destas coisas

Outra opção

28. Alguma vez algum adulto que conheceu apenas na internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) social(ais) ou perfil(s) o/a aliciou/abordou com algum intuito sexual quando ainda era menor de idade?

Sim

Não

29. Alguma vez algum adulto que conheceu apenas na internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) lhe propôs que se encontrassem pessoalmente quando ainda era menor de idade?

Sim

Não

29.1. Como reagiu?
(Pode escolher mais do que uma resposta)

Ignorou

Bloqueou a pessoa

Continuou a conversar

Respondeu negativamente

Respondeu positivamente

Contou ou pediu ajuda a um/a amigo/a

Contou ou pediu ajuda a um adulto da sua família

Contou ou pediu ajuda a um adulto fora da sua família (por ex, um professor)

Outra opção

29.2. Esse encontro chegou a realizar-se?

Sim

Não

29.3. Aproximadamente, que idade tinha a pessoa que fez o pedido?

29.4. De que sexo era essa pessoa?

Feminino

Masculino

29.5. Que idade tinha quando esse encontro se realizou?

29.6. O encontro teve lugar:

Num espaço público aberto (e.g., jardim, esplanada)

Num espaço público fechado (e.g., restaurante, café, centro comercial)

Na casa da outra pessoa

Na sua casa ou em casa de amigos ou familiares seus

Num hotel ou similar

Outra opção

29.7. Deslocou-se até esse local sozinho/a ou acompanhado/a?

Sozinho/a

Acompanhado/a

29.8. Pode descrever sinteticamente o que aconteceu nesse encontro?

30. Em algum momento propôs a alguém adulto que conheceu apenas na internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) social(ais) que tivessem um encontro pessoal?

Sim

Não

30.1. Se sim, esse encontro chegou a realizar-se?

Sim

Não

30.2. O encontro teve lugar:

Num espaço público aberto (e.g., jardim, esplanada)

Num espaço público fechado (e.g., restaurante, café, centro comercial)

Na casa da outra pessoa

Na sua casa ou em casa de amigos ou familiares seus

Num hotel ou similar

Outra opção

30.3. Deslocou-se até esse local sozinho/a ou acompanhado/a?

Sozinho/a

Acompanhado/a

30.4. Pode descrever sinteticamente o que aconteceu nesse encontro?

Caso esteja disponível para responder a mais 4 perguntas deverá selecionar o botão “continuar”. Se preferir terminar o questionário deverá selecionar o botão “finalizar”. Agradecemos novamente a sua colaboração!

Continuar

Finalizar

31. Em algum momento se sentiu pressionado/a ou ameaçado/a por alguém conhecido/a ou desconhecido/a para fazer algo que não queria?

Sim

Não

32. Quantas vezes foi vítima de aliciamento/sedução/*grooming* através da internet/redes sociais?

33. Desde o momento em que criou a sua(s) rede(s) social(ais), limitou a aceitação dos pedidos de amizade/seguidores?

Sim

Não

33.1. Se sim, porque o fez?

34. Quais são os principais riscos que associa à internet?

Anexo B – Consentimento Informado

Este questionário integra-se num estudo em desenvolvimento no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, a realizar por Ana Luísa Neves de Jesus, sob orientação da Prof. Doutora Celina Manita, e visa estudar os contactos via internet com crianças e jovens.

Com este estudo procuramos caracterizar padrões de contactos online que envolvam sujeitos actualmente maiores de 18 anos que tenham tido alguma experiência, quando eram menores de 18 anos, de fenómenos de sedução, aliciamento, solicitação de partilha de conteúdos / imagens sexuais, isto é, tenham sido alvo de comportamentos de *grooming* sexual através da internet/redes sociais. O estudo inclui variáveis como a frequência com que ocorreram estes contactos na internet, características dos conteúdos e dos interlocutores, estratégias utilizadas na persuasão de crianças e jovens, tipos de solicitações, potenciais riscos e potenciais vítimas de solicitações de cariz sexual, papel da supervisão parental.

Todas as informações recolhidas são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para este estudo e analisadas no conjunto dos dados preenchidos, não sendo analisados nem divulgados dados individualmente. A sua colaboração é voluntária e pode desistir do preenchimento do questionário em qualquer momento.

Nesta fase do estudo solicitamos a sua colaboração respondendo ao questionário que se segue. O preenchimento demorará, aproximadamente, 15 minutos.

O nosso estudo está dividido em fases: numa primeira etapa será aplicado o presente questionário; numa segunda etapa, a realizar apenas com quem tenha sido vítima de *grooming* sexual antes de atingir a maioridade e se disponibilize para colaborar connosco, será realizada uma entrevista em profundidade, após contacto posterior, provavelmente a partir de novembro de 2018.

Para qualquer esclarecimento sobre o estudo, por favor, contacte-nos através do email up201406668@fpce.up.pt ou celina@fpce.up.pt . Agradecemos desde já o seu contributo que é fundamental para a concretização da nossa investigação.

1. Declaro que tenho mais de 18 anos, que compreendi a informação fornecida e os objectivos deste estudo e que aceito colaborar.

Sim

Não

Anexo C – Tabelas

*Tabela 3 - Associação entre as variáveis Sexo*Bullying*

Crosstab

		Bullying		Total
		Sim	Não	
sexo	Feminino	Count	6	123
		Expected Count	8,6	129,0
		% within sexo	4,7%	95,3%
	Masculino	Count	4	17
		Expected Count	1,4	21,0
		% within sexo	19,0%	81,0%
	Total	Count	10	140
		Expected Count	10,0	140,0
		% within sexo	6,7%	93,3%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	6,016 ^a	1	,014		
Continuity Correction ^b	3,924	1	,048		
Likelihood Ratio	4,496	1	,034		
Fisher's Exact Test				,034	,034
Linear-by-Linear Association	5,976	1	,015		
N of Valid Cases	150				

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,40.

b. Computed only for a 2x2 table

*Tabela 4 – Associação entre as variáveis Sexo*Solicitações que fez*

Crosstab

		Pedir a alguém amigo, namorado/a ou familiar para lhe enviar fotos dele/a em roupa interior		Total
		Sim	Não	
sexo	Feminino	Count	7	122
		Expected Count	9,5	129,0
		% within sexo	5,4%	94,6%
	Masculino	Count	4	17
		Expected Count	1,5	21,0
		% within sexo	19,0%	81,0%
	Total	Count	11	139
		Expected Count	11,0	150,0
		% within sexo	7,3%	92,7%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,931 ^a	1	,026		
Continuity Correction ^b	3,130	1	,077		
Likelihood Ratio	3,795	1	,051		
Fisher's Exact Test				,049	,049
Linear-by-Linear Association	4,898	1	,027		
N of Valid Cases	150				

a. 1 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,54.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 5 - Associação entre Sexo*Solicitações que fez

Crosstab

			Pedir a alguém conhecido para lhe enviar vídeos íntimos dele/a		
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	0	129	129
		Expected Count	1,7	127,3	129,0
		% within sexo	0,0%	100,0%	100,0%
	Masculino	Count	2	19	21
		Expected Count	,3	20,7	21,0
		% within sexo	9,5%	90,5%	100,0%
	Total	Count	2	148	150
		Expected Count	2,0	148,0	150,0
		% within sexo	1,3%	98,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	12,452 ^a	1	,000		
Continuity Correction ^b	6,265	1	,012		
Likelihood Ratio	8,034	1	,005		
Fisher's Exact Test				,019	,019
Linear-by-Linear Association	12,369	1	,000		
N of Valid Cases	150				

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,28.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 6 - Associações entre Sexo*Solicitações que fez

Crosstab

			Pedir a alguém que conheceu apenas online para lhe enviar vídeos íntimos dele/a		
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	1	128	129
		Expected Count	2,6	126,4	129,0
		% within sexo	0,8%	99,2%	100,0%
	Masculino	Count	2	19	21
		Expected Count	,4	20,6	21,0
		% within sexo	9,5%	90,5%	100,0%
Total	Count	3	147	150	
	Expected Count	3,0	147,0	150,0	
	% within sexo	2,0%	98,0%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	7,052 ^a	1	,008		
Continuity Correction ^b	3,295	1	,069		
Likelihood Ratio	4,491	1	,034		
Fisher's Exact Test				,052	,052
Linear-by-Linear Association	7,005	1	,008		
N of Valid Cases	150				

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,42.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 7 - Associação entre Sexo*Solicitações que fez

Crosstab

			Fazer propostas para ter sexo virtual (e.g., live sex cams, partilhas no telemóvel ou internet)		
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	2	127	129
		Expected Count	4,3	124,7	129,0
		% within sexo	1,6%	98,4%	100,0%
	Masculino	Count	3	18	21
		Expected Count	,7	20,3	21,0
		% within sexo	14,3%	85,7%	100,0%
	Total	Count	5	145	150
		Expected Count	5,0	145,0	150,0
		% within sexo	3,3%	96,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	9,090 ^a	1	,003		
Continuity Correction ^b	5,568	1	,018		
Likelihood Ratio	5,983	1	,014		
Fisher's Exact Test				,020	,020
Linear-by-Linear Association	9,030	1	,003		
N of Valid Cases	150				

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,70.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 8 - Associação entre as variáveis Sexo*Reação à proposta de encontro pessoal

Crosstab

			Respondeu positivamente		
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	3	27	30
		Expected Count	4,7	25,3	30,0
		% within sexo	10,0%	90,0%	100,0%
	Masculino	Count	2	0	2
		Expected Count	,3	1,7	2,0
		% within sexo	100,0%	0,0%	100,0%
	Total	Count	5	27	32
		Expected Count	5,0	27,0	32,0
		% within sexo	15,6%	84,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	11,520 ^a	1	,001		
Continuity Correction ^b	5,705	1	,017		
Likelihood Ratio	8,233	1	,004		
Fisher's Exact Test				,020	,020
Linear-by-Linear Association	11,160	1	,001		
N of Valid Cases	32				

a. 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,31.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 9 - Associação entre as variáveis Sexo*Realização do encontro
Crosstab

		Esse encontro chegou a realizar-se?			
			Sim	Não	Total
sexo	Feminino	Count	5	25	30
		Expected Count	6,6	23,4	30,0
		% within sexo	16,7%	83,3%	100,0%
	Masculino	Count	2	0	2
		Expected Count	,4	1,6	2,0
		% within sexo	100,0%	0,0%	100,0%
	Total	Count	7	25	32
		Expected Count	7,0	25,0	32,0
		% within sexo	21,9%	78,1%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	7,619 ^a	1	,006		
Continuity Correction ^b	3,523	1	,061		
Likelihood Ratio	6,587	1	,010		
Fisher's Exact Test				,042	,042
Linear-by-Linear Association	7,381	1	,007		
N of Valid Cases	32				

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 13 - Associação entre a idade que criou perfil*redes sociais

Crosstab

			facebook		
			Sim	Não	Total
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	22	2	24
		Expected Count	19,1	4,9	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	91,7%	8,3%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	71	16	87
		Expected Count	69,1	17,9	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	81,6%	18,4%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	19	11	30
		Expected Count	23,8	6,2	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	63,3%	36,7%	100,0%
	Total	Count	112	29	141
		Expected Count	112,0	29,0	141,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	79,4%	20,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,210 ^a	2	,027
Likelihood Ratio	7,061	2	,029
Linear-by-Linear Association	6,820	1	,009
N of Valid Cases	141		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,94.

Tabela 14 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*Redes sociais

			instagram		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	13	11	24
		Expected Count	7,7	16,3	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	54,2%	45,8%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	28	59	87
		Expected Count	27,8	59,2	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	32,2%	67,8%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	4	26	30
		Expected Count	9,6	20,4	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	13,3%	86,7%	100,0%
	Total	Count	45	96	141
		Expected Count	45,0	96,0	141,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	31,9%	68,1%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,239 ^a	2	,006
Likelihood Ratio	10,616	2	,005
Linear-by-Linear Association	10,129	1	,001
N of Valid Cases	141		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 7,66.

Tabela 15 - Associação entre as variáveis Idade que criou um perfil*Redes sociais

			twitter		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	11	13	24
		Expected Count	6,1	17,9	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	45,8%	54,2%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	21	66	87
		Expected Count	22,2	64,8	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	24,1%	75,9%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	4	26	30
		Expected Count	7,7	22,3	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	13,3%	86,7%	100,0%
	Total	Count	36	105	141
		Expected Count	36,0	105,0	141,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	25,5%	74,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,639 ^a	2	,022
Likelihood Ratio	7,377	2	,025
Linear-by-Linear Association	7,073	1	,008
N of Valid Cases	141		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 6,13.

Tabela 16 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*Redes Sociais

Crosstab

			snapchat		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	11	13	24
		Expected Count	5,8	18,2	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	45,8%	54,2%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	19	68	87
		Expected Count	21,0	66,0	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	21,8%	78,2%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	4	26	30
		Expected Count	7,2	22,8	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	13,3%	86,7%	100,0%
Total	Count		34	107	141
	Expected Count		34,0	107,0	141,0
	% within Idade com que criou a rede social Recodificada		24,1%	75,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	8,338 ^a	2	,015
Likelihood Ratio	7,781	2	,020
Linear-by-Linear Association	7,203	1	,007
N of Valid Cases	141		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 5,79.

Tabela 17 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*Redes sociais

Crosstab

			hi5		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	19	5	24
		Expected Count	17,5	6,5	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	79,2%	20,8%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	68	19	87
		Expected Count	63,6	23,4	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	78,2%	21,8%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	16	14	30
		Expected Count	21,9	8,1	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	53,3%	46,7%	100,0%
Total	Count		103	38	141
	Expected Count		103,0	38,0	141,0
	% within Idade com que criou a rede social Recodificada		73,0%	27,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,534 ^a	2	,023
Likelihood Ratio	6,994	2	,030
Linear-by-Linear Association	5,115	1	,024
N of Valid Cases	141		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 6,47.

Tabela 18 - Associação entre as variáveis Idade com que criou um perfil*Redes sociais

Crosstab

			youtube		Total
			Sim	Não	
Idade com que criou a rede social Recodificada	Até aos 12 anos	Count	14	10	24
		Expected Count	14,6	9,4	24,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	58,3%	41,7%	100,0%
	13 a 15 anos	Count	61	26	87
		Expected Count	53,1	33,9	87,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	70,1%	29,9%	100,0%
	16 a 18 anos	Count	11	19	30
		Expected Count	18,3	11,7	30,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	36,7%	63,3%	100,0%
Total		Count	86	55	141
		Expected Count	86,0	55,0	141,0
		% within Idade com que criou a rede social Recodificada	61,0%	39,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,576 ^a	2	,005
Likelihood Ratio	10,445	2	,005
Linear-by-Linear Association	3,444	1	,063
N of Valid Cases	141		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,36.

Tabela 23 - Associação entre a Supervisão por um adulto*Porque receberam pedidos de amizade

Crosstab

			Tentar conhecer—lo/a melhor		Total
			Sim	Não	
A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	Sim	Count	7	22	29
		Expected Count	12,0	17,0	29,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	24,1%	75,9%	100,0%
	Não	Count	55	66	121
		Expected Count	50,0	71,0	121,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	45,5%	54,5%	100,0%
Total		Count	62	88	150
		Expected Count	62,0	88,0	150,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	41,3%	58,7%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,384 ^a	1	,036		
Continuity Correction ^b	3,549	1	,060		
Likelihood Ratio	4,620	1	,032		
Fisher's Exact Test				,038	,028
Linear-by-Linear Association	4,354	1	,037		
N of Valid Cases	150				

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 11,99.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 24 - Associação entre a Supervisão por um adulto*Porque recebeu pedidos de amizade

Crosstab

			Partilhar/trocar fotos		
			Sim	Não	Total
A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	Sim	Count	1	28	29
		Expected Count	5,6	23,4	29,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	3,4%	96,6%	100,0%
	Não	Count	28	93	121
		Expected Count	23,4	97,6	121,0
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	23,1%	76,9%	100,0%
Total	Count	29	121	150	
	Expected Count	29,0	121,0	150,0	
	% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	19,3%	80,7%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	5,817 ^a	1	,016		
Continuity Correction ^b	4,623	1	,032		
Likelihood Ratio	7,692	1	,006		
Fisher's Exact Test				,017	,009
Linear-by-Linear Association	5,778	1	,016		
N of Valid Cases	150				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,61.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 25 - Associação entre a Supervisão por um adulto*Solicitações que receberam de outrem

Crosstab

			Enviarem-lhe fotos com nudez		Total	
			Sim	Não		
A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	Sim	Count	3	26	29	
		Expected Count	7,2	21,8	29,0	
		% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	10,3%	89,7%	100,0%	
		Não	Count	34	87	121
			Expected Count	29,8	91,2	121,0
			% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	28,1%	71,9%	100,0%
	Total		Count	37	113	150
			Expected Count	37,0	113,0	150,0
			% within A utilização que fazia da Internet/redes sociais era controlada ou supervisionada por algum adulto?	24,7%	75,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,968 ^a	1	,046		
Continuity Correction ^b	3,070	1	,080		
Likelihood Ratio	4,582	1	,032		
Fisher's Exact Test				,055	,034
Linear-by-Linear Association	3,942	1	,047		
N of Valid Cases	150				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,15.

b. Computed only for a 2x2 table

Tabela 26 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciada*Porque criou as redes sociais

Crosstab

			fazer amigos/as ou conhecer pessoas novas		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	22	33	55
		Expected Count	27,2	27,8	55,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	40,0%	60,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	10	3	13
		Expected Count	6,4	6,6	13,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	76,9%	23,1%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	17	14	31
		Expected Count	15,3	15,7	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	54,8%	45,2%	100,0%
Total		Count	49	50	99
		Expected Count	49,0	50,0	99,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	49,5%	50,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,250 ^a	2	,044
Likelihood Ratio	6,472	2	,039
Linear-by-Linear Association	2,337	1	,126
N of Valid Cases	99		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 6,43.

Tabela 27 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Porque criou as redes sociais

Crosstab

			Para combinar encontros com pessoas que conheceu online		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	0	55	55
		Expected Count	1,7	53,3	55,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	0,0%	100,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	0	13	13
		Expected Count	,4	12,6	13,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	0,0%	100,0%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	3	28	31
		Expected Count	,9	30,1	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	9,7%	90,3%	100,0%
Total		Count	3	96	99
		Expected Count	3,0	96,0	99,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	3,0%	97,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,786 ^a	2	,034
Likelihood Ratio	7,175	2	,028
Linear-by-Linear Association	5,837	1	,016
N of Valid Cases	99		

a. 3 cells (50,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is ,39.

Tabela 28 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Informações pessoais

Crosstab

			A localidade onde vivia		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	28	27	55
		Expected Count	34,4	20,6	55,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	50,9%	49,1%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	10	3	13
		Expected Count	8,1	4,9	13,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	76,9%	23,1%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	24	7	31
		Expected Count	19,4	11,6	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	77,4%	22,6%	100,0%
Total	Count		62	37	99
	Expected Count		62,0	37,0	99,0
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada		62,6%	37,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,260 ^a	2	,027
Likelihood Ratio	7,470	2	,024
Linear-by-Linear Association	6,418	1	,011
N of Valid Cases	99		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,86.

Tabela 29 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*De quem aceitava os pedidos de amizade

Crosstab

			amigos/as de amigos/as		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	27	28	55
		Expected Count	33,3	21,7	55,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	49,1%	50,9%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	11	2	13
		Expected Count	7,9	5,1	13,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	84,6%	15,4%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	22	9	31
		Expected Count	18,8	12,2	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	71,0%	29,0%	100,0%
Total	Count		60	39	99
	Expected Count		60,0	39,0	99,0
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada		60,6%	39,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	7,587 ^a	2	,023
Likelihood Ratio	8,013	2	,018
Linear-by-Linear Association	4,712	1	,030
N of Valid Cases	99		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 5,12.

Tabela 30 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Porque receberam pedidos de amizade

Crosstab

			Tentar conhecer—lo/a melhor		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	18	42	60
		Expected Count	24,6	35,4	60,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	30,0%	70,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	6	8	14
		Expected Count	5,7	8,3	14,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	42,9%	57,1%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	19	12	31
		Expected Count	12,7	18,3	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	61,3%	38,7%	100,0%
Total	Count		43	62	105
	Expected Count		43,0	62,0	105,0
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada		41,0%	59,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	8,300 ^a	2	,016
Likelihood Ratio	8,298	2	,016
Linear-by-Linear Association	8,183	1	,004
N of Valid Cases	105		

a. 0 cells (,0%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 5,73.

Tabela 31 - Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Porque receberam pedidos de amizade

Crosstab

			Pedir que lhes enviasse vídeos ou fotografias suas		Total
			Sim	Não	
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	0	60	60
		Expected Count	5,7	54,3	60,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	0,0%	100,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	1	13	14
		Expected Count	1,3	12,7	14,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	7,1%	92,9%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	9	22	31
		Expected Count	3,0	28,0	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	29,0%	71,0%	100,0%
Total	Count		10	95	105
	Expected Count		10,0	95,0	105,0
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada		9,5%	90,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	20,100 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	21,487	2	,000
Linear-by-Linear Association	19,161	1	,000
N of Valid Cases	105		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 1,33.

Tabela 32 - Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Solicitações realizadas pelo próprio inquirido
Crosstab

			Iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo / sexualidade a conhecidos/as		
			Sim	Não	Total
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	3	57	60
		Expected Count	8,0	52,0	60,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	5,0%	95,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	2	12	14
		Expected Count	1,9	12,1	14,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	14,3%	85,7%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	9	22	31
		Expected Count	4,1	26,9	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima	29,0%	71,0%	100,0%
Total	Count	14	91	105	
	Expected Count	14,0	91,0	105,0	
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	13,3%	86,7%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,228 ^a	2	,006
Likelihood Ratio	9,805	2	,007
Linear-by-Linear Association	10,055	1	,002
N of Valid Cases	105		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5.
The minimum expected count is 1,87.

*Tabela 33 - Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Solicitações realizadas pelo próprio inquirido*
Crosstab

			Iniciar conversas ou fazer perguntas sobre sexo/sexualidade a alguém que conheceu apenas online		
			Sim	Não	Total
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	3	57	60
		Expected Count	6,9	53,1	60,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	5,0%	95,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	2	12	14
		Expected Count	1,6	12,4	14,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	14,3%	85,7%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	7	24	31
		Expected Count	3,5	27,5	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	22,6%	77,4%	100,0%
Total	Count	12	93	105	
	Expected Count	12,0	93,0	105,0	
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	11,4%	88,6%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,371 ^a	2	,041
Likelihood Ratio	6,207	2	,045
Linear-by-Linear Association	6,308	1	,012
N of Valid Cases	105		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than
5. The minimum expected count is 1,60.

Tabela 34 – Associação entre as variáveis Nr de vezes que foi aliciado*Propor um encontro pessoal

Crosstab

			Em algum momento propôs a alguém adulto que conheceu apenas na Internet ou que adicionou à(s) sua(s) rede(s) social(ais) que tivessem um encontro pessoal?		
			Sim	Não	Total
numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	Nenhuma	Count	0	60	60
		Expected Count	2,3	57,7	60,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	0,0%	100,0%	100,0%
	uma ou duas vezes	Count	0	14	14
		Expected Count	,5	13,5	14,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	0,0%	100,0%	100,0%
	três ou mais vezes	Count	4	27	31
		Expected Count	1,2	29,8	31,0
		% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada	12,9%	87,1%	100,0%
Total	Count		4	101	105
	Expected Count		4,0	101,0	105,0
	% within numero de vezes que foi vítima de aliciamento/sedução o recodificada		3,8%	96,2%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,927 ^a	2	,007
Likelihood Ratio	10,145	2	,006
Linear-by-Linear Association	8,487	1	,004
N of Valid Cases	105		

a. 3 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,53.